

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS *CAMPUS* SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

DANIELLE MARIA PEREIRA URBAN CASSETTARI

**O ENSINO DE MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR DE CRIANÇAS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Sorocaba
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

DANIELLE MARIA PEREIRA URBAN CASSETTARI

**O ENSINO DE MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR DE CRIANÇAS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências
Humanas e Biológicas da Universidade
Federal de São Carlos, *campus*
Sorocaba, para obtenção do título/grau
de licenciada em Pedagogia.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Lucia Maria
Salgado dos Santos Lombardi

Sorocaba
2014

Cassettari, Danielle Maria Pereira Urban

O ensino de música no contexto escolar de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental / Danielle Maria Pereira Urban Cassettari -- 2014.
105f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Banca Examinadora: Fabiana Aurora Colombo Garzella, Frediana Vezaro de Medeiros

Bibliografia

1. Educação Musical . 2. Criança. 3. Anos iniciais do ensino fundamental. I. Cassettari, Danielle Maria Pereira Urban. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

DANIELLE MARIA PEREIRA URBAN CASSETTARI

**O ENSINO DE MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR DE CRIANÇAS DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, da
Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.**

Sorocaba, 08 de dezembro de 2014.



Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba
Orientadora



Prof^a. Dr^a. Fabiana Aurora Colombo Garzella
Prefeitura Municipal de Santa Bárbara d'Oeste
Examinadora



Prof^a. Ms. Frediana Vezaro de Medeiros
Faculdade Anhanguera de Sorocaba
Examinadora

DEDICATÓRIA

Para Thereza e João Paulo

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por permitir a realização deste trabalho.

À minha mãe Thereza, ao meu padrasto João Paulo, por sempre estarem presentes na minha vida me ajudando e incentivando aos estudos.

Ao meu pai Geraldo por ter me apoiado em minhas escolhas.

À minha orientadora Lucia por toda a dedicação e paciência que teve ao me orientar. Obrigada por tantos aprendizados construídos em sua companhia.

Ao Colégio Santa Escolástica, às Irmãs Beneditinas, aos professores e funcionários, por terem me ensinado muito do que sei e sou.

Às professoras Luciane, Cíntia, Gisele, Karen, Aracelli, Silvia, Taís, Cacilda, Daniela e Thelma por cederem suas experiências para que fizessem parte desse trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para realização deste trabalho.

RESUMO

CASSETTARI, Danielle Maria Pereira Urban. *O ensino de música no contexto escolar de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental*. 2014. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2014.

Este trabalho tem como objeto a música no contexto escolar de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O tema surgiu da minha inquietação durante o período de estágio curricular obrigatório realizado em 2013, quando me chamou a atenção a ausência da música no cotidiano das crianças. A pesquisa procurou entender porque a música ainda é ignorada em alguns contextos escolares apesar de ser componente importante da formação cultural de crianças. O trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o Quadro Teórico. Para realizar a tarefa de investigar sobre a música no contexto escolar de crianças dos Anos Iniciais, neste trecho do trabalho foi estudada a presença da música desde a vida do bebê; a formação de pedagogos na área da música; a interdisciplinaridade como importante dimensão na educação musical escolar; a utilização do canto nas práticas pedagógicas; o uso de materiais sem custo na criação de instrumentos musicais, e a presença da música na escola de modo geral. Do segundo capítulo consta a metodologia da pesquisa, classificada como qualitativa e estudo de caso, com a constituição de um grupo de professoras, com as quais foram realizadas entrevistas. No terceiro e último capítulo é apresentada a análise das entrevistas relacionando-as com os autores da base teórica apresentada no primeiro capítulo. Os resultados apontam para a importância da formação musical de pedagogos, do ensino da música para o desenvolvimento saudável das crianças e de práticas pedagógicas que envolvam a música no cotidiano escolar.

Palavras chaves: Educação Musical. Criança. Anos iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

CASSETTARI, Danielle Maria Pereira Urban. *Music teaching in the school context of children in the early years of elementary school*. 2014. 105 f. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba 2014.

This work has as its object music in the school context of children from the early years of Elementary School. The theme arose from my concern during the period of mandatory curricular internship held in 2013, when I was struck by the absence of music in the daily lives of children. The research sought to understand why music is still ignored in some school contexts despite being an important component of children's cultural education. The work is divided into three chapters. The first chapter presents the Theoretical Framework. In order to carry out the task of investigating music in the school context of children of the Early Years, in this part of the work, the presence of music since the baby's life was studied; the training of pedagogues in the area of music; interdisciplinarity as an important dimension in school music education; the use of singing in pedagogical practices; the use of free materials in the creation of musical instruments, and the presence of music at school in general. The second chapter contains the research methodology, classified as qualitative and case study, with the constitution of a group of teachers, with whom interviews were conducted. In the third and last chapter, the analysis of the interviews is presented, relating them to the authors of the theoretical basis presented in the first chapter. The results point to the importance of the musical training of pedagogues, of teaching music for the healthy development of children and of pedagogical practices that involve music in school routine.

Keywords: Music Education. Child. Early years of elementary school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Professora Luciane. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	22
Figura 2 – Professora Luciane com 3 anos. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	23
Figura 3 – Professora Luciane e seu primeiro piano. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	24
Figura 4 – Formatura da professora Luciane em piano. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	24
Figura 5 – Coral COJES regido pela professora Luciane. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	25
Figura 6 – Coral do Colégio Santa Escolástica. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	25
Figura 7 – Coral Pequeno Plácido. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	26
Figura 8 – Coral Pequeno Plácido visitando o asilo. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	26
Figura 9 – Coral Vozes do Santa. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	27
Figura 10 – Projeto 100 Vozes. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	27
Figura 11 – Cantata FEPASA. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	28
Figura 12 – Regência do coral do Conservatório João Batista Julião. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	28
Figura 13 – Acompanhamento de piano com solitas. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	29
Figura 14 – Acompanhamento de corais. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	29
Figura 15 – Conjunto de Câmara. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	30
Figura 16 – Grupo de flauta. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	30
Figura 17 – Grupo de iniciantes em flauta com conjunto de violões. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	31
Figura 18 – Professora Cíntia. Foto fornecida pela professora Cíntia de Cássia Candioto del Cístia	32
Figura 19 – Professora Gisele. Foto fornecida pela professora Gisele Vasques	33
Figura 20 – Professora Karen Foto fornecida pela professora Karen Fazzio	34
Figura 21 – Professora Aracelli. Foto fornecida pela professora Aracelli Pereira Melo	35
Figura 22 – Professora Silvia. Foto fornecida pela professora Silvia Nair Marconato dos Santos	36

Figura 23 – Professora Taís. Foto fornecida pela professora Taís Franques Kain	37
Figura 24 – Professora Cacilda. Foto fornecida pela professora Cacilda Maria dos Santos	38
Figura 25 – Professora Daniela. Foto fornecida pela professora Daniela Maria Gama Barbosa	39
Figura 26 – Professora Thelma. Foto fornecida pela professora Thelma Aparecida Corrêa Basto	40
Figura 27 – Foto da página do meu Livro da Vida produzido durante o estágio	42
Figura 28 – Foto da página do meu Livro da Vida produzido durante o estágio	45
Figura 29 – Foto da página do meu Livro da Vida produzido durante o estágio	45
Figura 30 – Momento de intervenção realizado no Estágio Supervisionado Obrigatório	46
Figura 31 – Foto da aula de música do 1º ano do Ensino Fundamental I – Iniciação do ensino da flauta doce. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	51
Figura 32 – Foto da aula de música do 5º ano do Ensino Fundamental I. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	51
Figura 33 – Foto da apresentação do Ensino Fundamental I – 1º ao 5º ano – Orquestra de flautas (2 vozes). Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	52
Figura 34 – Foto da apresentação da bandinha rítmica do Ensino Fundamental I. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	52
Figura 35 – Foto da aula de música – cantos com expressão corporal. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFAM Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério

Fepasa Ferrovia Paulista S.A

FUNARTE Fundação Nacional de Arte

LDB Lei de Diretrizes e Bases

Libras Língua Brasileira de Sinais

MPB Música Popular Brasileira

OSE Organização Sorocabana de Ensino

RAP Rhyme and Poetry

Scielo Scientific Eletronic Library Online

UFSCar Universidade Federal de São Carlos

USP Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. CAPÍTULO I. Quadro Teórico	04
2.1 Alguns aspectos da música na vida humana	06
2.2 A música na escola	09
2.3 A formação do pedagogo no ensino da música	11
2.4 A importância do canto nas práticas pedagógicas	14
2.5 A possibilidade de construção de instrumentos musicais com sucata	15
2.6 Fundamentos principais da interdisciplinaridade na educação	16
3. CAPÍTULO II. Metodologia	18
3.1 Procedimentos de pesquisa	19
4. CAPÍTULO III. Análise dos dados	21
4.1 As professoras entrevistadas	21
4.1.1 Luciane Nagy Cação	22
4.1.2 Cíntia de Cássia Candioto del Cistia	32
4.1.3 Gisele Vasques	33
4.1.4 Karen Fazzio	34
4.1.5 Aracelli Pereira Melo	35
4.1.6 Silvia Nair Marconato dos Santos	36
4.1.7 Taís Franques Kain	37
4.1.8 Cacilda Maria dos Santos	38
4.1.9 Daniela Maria Gama Barbosa	39
4.1.10 Thelma Aparecida Corrêa Basto	40
4.2 Memórias musicais na infância	41
4.3 Práticas musicais com as crianças na escola	42
4.4 Aprender cantando	46
4.5 O ensino de música nos anos iniciais do Ensino Fundamental: experiências... 48	
4.6 Práticas docentes e o uso da música	49
4.7 A importância da formação do pedagogo no ensino da música	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
7. APÊNDICE A	63
8. APÊNDICE B	67
9. APÊNDICE C	68
10. APÊNDICE D	69

A MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

“A música pertence a todos e uma correta educação musical oferece os meios para apreciá-la e dela desfrutar.” (Zoltán Kodály)

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente estudo surgiu de inquietações que senti ao realizar observações durante o período de estágio curricular obrigatório do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, em uma escola da rede municipal da cidade de Sorocaba, no ano de 2013. Este estágio ocorreu durante o 4º ano do curso e estava relacionado aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Minhas indagações foram a respeito da ausência da música em si e do ensino de música naquela escola. Ao realizar um estágio pela primeira vez em uma escola pública, descobri um quadro impactante que revelava, primeiramente, que não se ouvia música pelos ambientes da escola, reconhecida como sendo parte do contexto cultural – não ouvi músicas nos recreios, intervalos, aulas, horários de entrada e saída. Além disso, nos horários destinados ao ensino das linguagens artísticas, eram oferecidas apenas atividades voltadas às artes visuais. Não havia nenhuma menção à música, nem tampouco ao teatro e à dança.

Desde minha infância tive um grande contato com o universo musical por meio da minha família, que conta com profissionais da área, bem como na escola. Havia projetos, corais, fanfarra e apresentações de música na instituição escolar em que estudei, motivo pelo qual, quando cheguei na escola pública, enquanto estagiária, e me deparei com esta carência, logo surgiu uma questão-problema que imaginei responder em um processo de investigação durante meu Trabalho de Conclusão de Curso. Tal pergunta é a seguinte: por que a música ainda é ignorada em alguns contextos escolares como componente importante da formação cultural das crianças?

Da pergunta principal, desdobram-se outras questões, tais como: quais são as possíveis contribuições da música no desenvolvimento de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Como a música está inserida nas vidas das crianças fora desta escola? Como tem sido feita a formação musical de educadores do Ensino

Fundamental de modo que sejam capazes – ou não – de trabalhar com a dimensão musical em seus projetos pedagógicos?

Para atingir o objetivo proposto acima, o trabalho está dividido em três capítulos. No Capítulo I são apresentadas as bases teóricas que sustentam a temática escolhida. Para isso, esse capítulo começa com um trecho denominado “Alguns aspectos da música na vida humana”, feito com base em Keith Swanwick (2003), Correia (2010), Peery (2006), Galizia (2013), Campbell, Campbell e Dickinson (2000), Feres (1998), Jordão (2012), Teles (2012), Jeandot (1997), Le Blanc (1987), Ostetto (2003), Ávila e Silva (2003) que aborda a importância da música para o ser humano desde o nascimento.

O segundo trecho do primeiro capítulo, “A música na escola”, trata da importância da música, suas consequências e maneiras de inclusão da música no contexto escolar e tem como base Eugênio, Escalda e Lemos (2012), Ávila e Silva (2003), Duarte e Mazzotti (2006) Teles (2012) e Correia (2010).

Como terceiro trecho do primeiro capítulo é apresentada “A formação do pedagogo para o ensino da música” onde é discutida a música como componente curricular obrigatório nas escolas de Educação Básica e sua importância na formação do pedagogo, é baseada na Lei nº 11.769/2008, nas três Leis de Diretrizes e Bases (LDB 61, LDB 71 e LDB 96), e nos autores Henriques (2011), Bellochio (2003), Campbell, Campbell e Dickinson (2000), Correia (2010) e Almeida (2001).

No quarto trecho denominado “A importância do canto nas práticas pedagógicas” é abordada a voz: os cuidados que devem ser tomados com ela e a contribuição do canto no desenvolvimento da linguagem, tendo como base teórica Carmo (2004), Ávila e Silva (2003), Bellochio (2003), Specht e Bundchen (2009) e Teles (2012).

O quinto segmento é denominado “A possibilidade de construção de instrumentos musicais com sucata”, feito com base em Ávila e Silva (2003), Brito (2003) e Jeandot (1997). Nesse trecho é oferecida a possibilidade do ensino da música sem utilizar muitos recursos e envolvendo a criatividade.

No último trecho do primeiro capítulo que tem como título “Fundamentos principais da interdisciplinaridade na educação” são apresentados alguns benefícios da interdisciplinaridade e conta com os autores Zanon e Pedrosa (2014), Fazenda (1991, 1989, 1979), Bellochio (2003), Henriques (2011) e Carta de São Bernardo (2013).

O segundo capítulo deste trabalho traz a metodologia utilizada para a realização do mesmo. A metodologia é classificada como qualitativa e estudo de caso. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas com nove professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental e uma professora específica do Ensino de Música no Ensino Fundamental.

A partir da coleta dos dados foi realizada a transcrição das entrevistas e uma análise tendo um diálogo entre o relato da professora entrevistada, o ponto de vista de algum autor consagrado e as minhas concepções enquanto pesquisadora, análise esta que é apresentada no Capítulo terceiro.

2. CAPÍTULO I. QUADRO TEÓRICO.

Neste capítulo apresento o quadro teórico da pesquisa. Para realizar a tarefa de investigar o tema da música no contexto escolar de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental optou-se por realizar um levantamento da produção bibliográfica sobre o assunto desde a vida do bebê. A principal base teórica está em Peery (2006), Correia (2010), Feres (1998), Ostetto (2003), Henriques (2011), Bellochio (2003), Brito (2003), Fazenda (1991) e Ávila e Silva (2003).

Além disso, a fim de enriquecer as leituras, foi feito um levantamento bibliográfico de artigos, dissertações, teses e demais obras de outros autores que ajudam no estudo sobre o tema.

Para tanto, foram definidas três bases de dados, sendo elas a Scielo - *Scientific Electronic Library Online*, a Biblioteca da USP – Universidade de São Paulo e a da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos. No entanto, o site da Biblioteca da UFSCar permaneceu bloqueado para consultas durante todo o período de investigação e não foi possível acessá-lo.

As tabelas a seguir foram elaboradas durante a etapa de delimitação do problema de pesquisa, ou seja, fase em que encontra-se “o coração do projeto de pesquisa, o elemento que determina os seus contornos” (GROPPO e MARTINS, 2007, p. 30). Após a delimitação do problema e a definição da questão principal, foram escolhidas as palavras-chave que deveriam ser utilizadas nas buscas, a fim de objetivar os resultados e refinar a pesquisa, para encontrar referências específicas sobre os objetos de interesse.

TABELA 1

Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências que interessam para a pesquisa	Títulos das referências que interessam para a pesquisa
Educação Musical	4	1	Beineke, Viviane. A reflexão sobre a prática na pesquisa e formação do professor de música. <i>Cad. Pesqui.</i> , Abr 2012, vol.42, no.145, p.180-203. ISSN0100-1574
Educação and musical	29	6	Eugênio, Mayra Lopes, Escalda, Júlia

			<p>and Lemos, Stela Maris Aguiar. Desenvolvimento cognitivo, auditivo e linguístico em crianças expostas à música: produção de conhecimento nacional e internacional. <i>Rev. CEFAC</i>, Out 2012, vol.14, no.5, p.992-1003. ISSN 1516-1846</p> <p>Arroyo, Margarete. <i>Pensando a educação musical imaginativamente: uma filosofia da educação musical por Estelle Ruth Jorgensen.</i> <i>Per musi</i>, Jun 2013, no.27, p.231-238. ISSN 1517-7599</p> <p>Sobreira, Silvia. A disciplinarização do ensino de Música e as contingências do meio escolar. <i>Per musi</i>, Dez 2012, no.26, p.121-127. ISSN 1517-7599</p> <p>Duarte, Mônica de Almeida and Mazzotti, Tarso Bonilha. Representações sociais da música: aliadas ou limites do desenvolvimento das práticas pedagógicas em música? <i>Educ. Soc.</i>, Dez 2006, vol.27, no.97, p.1283-1295. ISSN 0101-7330</p> <p>CORREIA, Marcos Antonio. A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação. <i>Educ. rev.</i>, 2010, no.36, p.127-145. ISSN 0104-4060</p> <p>Dietzsch, Mary Julia Martins. Professoras dialogam com o texto literário. <i>Cad. Pesqui.</i>, Ago</p>
--	--	--	--

			2004, vol.34, no.122, p.359-389. ISSN 0100-1574
--	--	--	---

Tabela 1: levantamento bibliográfico no site da Scielo - *Scientific Electronic Library Online*

TABELA 2

Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências que interessam para a pesquisa	Títulos das referências que interessam para a pesquisa
Educação Musical	6	1	LUIZ, Magali Maria Géara. Educação musical na escola pública: em que medida contribui para a formação do cidadão? São Paulo, 2012

Tabela 2: levantamento bibliográfico no site da biblioteca da USP – Universidade de São Paulo

Ao realizar as leituras dos textos encontrados nas bases de dados pude perceber que alguns deles não se encaixavam muito bem no tema, então só foram utilizados os textos que mais se aproximavam com a temática a ser estudada.

Além dos textos encontrados também foram oferecidos pela orientadora outros livros, artigos, dissertações e teses que poderiam me ajudar a entender mais sobre o assunto.

2.1. Alguns aspectos da música na vida humana

A música é uma forma de linguagem presente na cultura humana desde os tempos mais remotos. É uma forma de expressão e comunicação e se realiza por meio da apreciação e do fazer musical. Pode-se notar que a música tem caráter lúdico e é um jogo de relações de sons e silêncios. O pesquisador e educador Keith Swanwick (2003) define música como uma seleção de sons que possuem uma relação e que tenham como intenção o fazer música. Portanto pode-se perceber que a matéria prima

da música é o som. Qualquer som emitido possui quatro parâmetros: altura, intensidade, duração e timbre.

Galizia (2013) explicita que a altura é o fato do som ser grave ou agudo. A intensidade é quando o som é forte ou fraco. A duração é o fato do som ser longo ou curto e o timbre que é quando diferenciamos a fonte do som (por exemplo, timbre do violão e do violino).

De acordo com Ávila e Silva (2003) a educação musical da criança inicia-se nove meses antes de seu nascimento. Correia (2010) e Campbell, Campbell e Dickinson (2000, p. 132), também dizem que desde antes do nascimento as crianças já têm contato com a música, que é, segundo Correia (2010, p. 135):

indubitavelmente, uma das formas artísticas que mais tempo tem na existência humana, utilizando-se da voz e do corpo como elementos naturais para a auto expressão. Arte que já nasce com o homem. No útero materno, convivemos um bom período ouvindo as batidas do coração, assim como a respiração dos nossos pulmões e os movimentos mais delicados do nosso metabolismo, juntamente com os ciclos cerebrais. Portanto, o ser humano é sensível à música e todos podem desenvolver esses dotes em si mesmos e nos seus semelhantes.

A partir do momento em que o bebê nasce o contato com a música é ainda maior. Para Ávila e Silva (2003) ouvindo-se a si mesmo o recém-nascido começa a emitir sons e os organiza de tal forma que os transforma em melodias, por isso antes mesmo de falarmos, cantamos.

Normalmente as mães cantam no momento da amamentação, na hora do banho, da comida e do sono. A criança recém-nascida consegue localizar de onde vem o som e mexe os olhos em sua direção. Conforme cresce, utiliza movimentos corporais para isso. Passa a reconhecer os sons do ambiente que lhe cerca, a voz dos parentes, os sons dos animais, dos brinquedos, e o bebê responde a esses sons com outros sons, gargalhadas ou até mesmo com o choro. Além disso, quando começa a andar, vai de encontro ao som. Com apenas três dias de vida o bebê já consegue reconhecer a voz da mãe e prefere essa voz à de outra mulher, e é “entre o nascimento e os 9 anos que decorre o período crítico de desenvolvimento musical das crianças” (SIMS, 1986 *apud* PEERY, 2006, p. 491).

Quando o bebê já consegue ficar sentado ele acompanha o som da música com o corpo. De acordo com Feres (1998) o bebê tem a psicomotricidade bastante desenvolvida e é “capaz de usar ambas as mãos com habilidade para alcançar objetos, segurar e bater. (...) Gosta de brincar com argolas, chocalhos, campainhas,

brinquedos de puxar e empurrar acompanhados de sons, cores e movimento.” (FERES, 1998, p. 24).

A música se encontra dentro dele e ele a coloca para fora através de expressões e movimentos. De acordo com Krumhansl & Jusczyk (1990) Durante o primeiro ano de vida o bebê já demonstra suas preferências, dentre as quais, a musical, “pois crianças com 6 meses são capazes de perceberem a organização musical de passagens musicais e preferem passagens musicais que são interrompidas nas fronteiras da frase e não no meio de uma frase” (KRUMHANSL & JUSCZYK, 1990 *apud* PEERY, 2006, p. 470)

Para Teles (2012) a música é reconhecida historicamente como parte fundamental para o desenvolvimento das capacidades do ser humano, faz bem para o reconhecimento, autoconhecimento e autoexpressão.

De acordo com Jordão (2012) para ensinar matemática e leitura às crianças e jovens os jesuítas utilizavam a música e instrumentos de corda e sopro. Existem registros que mostram que desde sempre a música foi considerada instrumento importante na educação brasileira.

Segundo Josette Silveira Mello Feres (1998), as músicas nas aulas de música na Educação Infantil são simples, com frases curtas e vocabulário fácil. A autora também afirma que professores da Educação Infantil devem incentivar os pais a cantar com frequência para seus filhos, sempre criando possibilidades de movimentos. Jeandot (1997, p. 26) também fala da importância do movimento unido à música. Segundo a autora “experiências demonstram que, desde a idade de 1 ano, aproximadamente, a música incita o bebê a se balançar, embora não haja sincronização entre o ritmo da música e o balanço”.

LeBlanc (1987) se refere a preferência musical humana e diz que podem ser encontradas três hipóteses. A primeira é a formação musical ou a repetição de um determinado tipo de música, a segunda é que as crianças moldam seu gosto musical de acordo com a preferência de pessoas que têm importância em suas vidas (pais, professores, adultos) e por último o estilo da música e o meio de execução. Portanto se os pais gostam de uma determinada música, a criança é influenciada a gostar também.

De acordo com Ostetto (2003) vale lembrar que cada um gosta de um estilo musical e que não se deve condenar o estilo do outro e nem achar que existe uma música melhor que a outra. Deve-se considerar que na sociedade capitalista existe uma indústria cultural musical, na qual a música passou de obra para produto, e que boa

parte da população brasileira passa a gostar do que a indústria os faz gostar. Para que essas músicas sejam vendidas foi necessário atingir a massa da sociedade e deveriam ser produzidas de acordo com sons de sucessos comprovados. O importante passa a ser produzir músicas de um mesmo modelo que sejam fixadas na sociedade e sempre tendo a urgência em produzir outras músicas que as substituam.

Segundo Ostetto (2003, p. 58) não se deve barrar a entrada de músicas trazidas pelas crianças “porque seria como negar a história dessas crianças” mas também mostrar outros repertórios já produzidos. Para que exista o respeito e uma boa educação musical pode ser de bom uso práticas educativas interculturais, onde haja, troca, partilha de saberes, o diálogo e então o bom ensino da música.

De acordo com o Peery (2006, p. 477) “foram feitas várias tentativas de relacionar as noções de que envolver as crianças na música é bom em si mesmo e que envolvê-las na música estimula as suas capacidades mentais”. Gordon (1968 *apud* Peery, 2006) realizou estudos que mostraram “a existência de uma correlação baixa, mas consistente, entre os resultados dos testes de aptidão musical e dos testes de inteligência” e conclui que as pessoas inteligentes podem não ter a aptidão musical, mas as pessoas com aptidão musical são inteligentes. Além do desenvolvimento cognitivo Peery (2006) e Ávila e Silva (2003) relatam a importância da música no desenvolvimento da linguagem, no aspecto social, na criatividade e ajuda na autoestima. Tendo em vista esse dado, pode-se perguntar: o que impede a inclusão do ensino da música semanalmente no ensino fundamental?

2.2 A música na escola

A música contribui de acordo com Eugênio, Escalda e Lemos (2012) para diversas áreas de desenvolvimento, como por exemplo as áreas linguística, motora, cognitiva, entre outras. Com os poucos textos e estudos sobre o tema pode-se perceber que pessoas que fazem aulas de música conseguem se concentrar por mais tempo, conseguem manter a calma e a disciplina. Estudando a percepção musical se tem como consequência a facilidade de aquisição e desenvolvimento da linguagem e também dos mecanismos cognitivos. Portanto, a música interfere positivamente no desenvolvimento global do ser humano. Segundo Eugênio, Escalda e Lemos (2012, p. 993) “a percepção apurada dos elementos sonoros leva ao desenvolvimento adequado das habilidades

auditivas, que facilitam o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, bem como os mecanismos cognitivos”.

Petraglia (2012) também se refere à importância do processo de musicalização, sendo a música composta pelo desenvolvimento vocal, rítmico-motor, auditivo, instrumental, pela prática musical, pelo processo criativo, dentre outros aspectos.

De acordo com Teles (2012) a educação musical deve ser incentivada e desenvolvida na escola desde a educação infantil porque contribui para a formação da criança e influencia no seu desenvolvimento saudável. Se desde pequenas as crianças tiverem um contato com a música e a educação musical, com o passar dos anos, o desenvolvimento cognitivo e linguístico destes se torna bastante desenvolvido. De acordo com as autoras Eugênio, Escalda e Lemos (2012) os indivíduos que têm a prática musical possuem um ótimo desempenho na área da matemática, da sintaxe, da leitura, do vocabulário e muitas outras pelo fato de exercitarem a concentração ao estudar música. Em todas as pesquisas feitas por estas autoras percebe-se que as respostas das crianças com alguma experiência musical nas questões de matemática, linguagem, dentre outras foi melhor do que as crianças que não têm experiência musical alguma. Outro fator relatado nas pesquisas realizadas foi que as crianças que se dedicam em casa nos estudos de música se desenvolvem melhor cognitivamente do que as crianças que apenas estudam na aula de música.

Para que a música faça parte do contexto escolar é preciso pensar formas de torná-la interessante para as crianças, utilizando, por exemplo, as brincadeiras de roda, nas quais elas formam um círculo e podem se comunicar frente a frente e formam um todo com suas mãos unidas. Na roda além da música também é presente outra forma da arte, a dança e juntas criam um meio de socialização e unidade de grupo. Os jogos musicais segundo Ávila e Silva (2003, p. 78) “quando acompanhados de atividades musicais, exigem da criança maior rapidez em suas decisões, em virtude do tempo imposto pela música.”. Pela música é possível desenvolver a criatividade, o raciocínio lógico-matemático, o aprendizado de idiomas, etc.

Outra questão que deve ser pensada no ensino da música na escola de acordo com Ávila e Silva (2003) é o ambiente onde será realizada a aula. O local deve ser espaçoso para que sejam realizados exercícios de movimentação corporal e instrumentais, deve ser silencioso para que as crianças não precisem forçar a voz,

ventilado, iluminado, limpo, a acústica deve ser boa, tudo para que não haja nenhum motivo para o desconforto do aluno.

O professor de música deve respeitar a cultura musical que as crianças levam para a escola, nunca devem trazer respostas prontas para elas, é sempre importante o diálogo, a apresentação de novos estilos musicais e suas apreciações. Segundo Duarte e Mazzotti (2006, p. 1) “as diversas práticas pedagógicas em música são produtos de representações sociais de música e podem aproximar ou mesmo afastar professores e alunos”.

De acordo com Correia (2010, p. 137) a música:

oferece receptividade na entrada dos estudantes em seu ambiente de ensino, traz efeitos calmantes após exercícios físicos, alivia os ânimos da turma, renova a energia e diminui as tensões advindas das atividades escolares, principalmente nas provas e outras atividades avaliativas.

Um dos problemas encontrados nas escolas é a falta da música como disciplina escolar, ou então a pouca importância dada a ela. Em boa parte das instituições escolares o grande foco é dado nas disciplinas científicas por conta das avaliações em larga escala e as disciplinas artísticas acabam sendo deixadas de lado. A nossa cultura costuma dar mais importância à razão do que à emoção. Mas o ser humano é razão e também emoção, não se deve ignorar qualquer desses aspectos. Essa ideia será desenvolvida no próximo tópico.

2.3 A formação do pedagogo no ensino da música

A partir da lei nº 11.769/2008 o ensino da música se tornou obrigatório nas escolas de Educação Básica e a FUNARTE (Fundação Nacional de Artes) procura discutir estratégias para a inserção do ensino da música nas escolas, pensando também na formação dos educadores e na elaboração de um material que auxilie o ensino.

O ensino da música nas instituições escolares teve início no começo do século XX. Com a lei nº 4.024/1961 houve um enfraquecimento do ensino musical e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) publicada em 11 de agosto de 1971 – Lei nº. 5.692/71, passou a ser uma atividade embutida na área da Educação Artística. A partir da LDB de 1996 – Lei nº. 9.394/96, a música passou a ser uma das modalidades do ensino de Artes.

De acordo com a LDB de 1996 somente os professores licenciados nas áreas específicas poderão assumir o cargo de professor no Ensino Básico, ou seja,

somente se o professor for Licenciado em Música/Educação Musical poderá dar aulas de música.

Em agosto de 2008 houve a alteração da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Luiz Inácio Lula da Silva, como Presidente da República sancionou a Lei Federal nº 11.769 em 18 de agosto de 2008, pela qual a música passaria a ser conteúdo obrigatório do componente curricular da Educação Básica. As escolas públicas e particulares teriam três anos letivos para se adaptarem a estas exigências. O presidente vetou, no entanto, o artigo que previa que os professores contratados para lecionar música nas escolas tivessem formação específica.

Podemos reparar que no atual sistema educacional brasileiro encontramos dificuldades na prática da educação musical, sendo que um dos mais importantes desafios encontra-se no campo da formação dos professores. Henriques (2011) investigou a situação da educação musical em 260 cursos de Pedagogia do Estado de São Paulo a fim de compreender como os docentes têm sido preparados para trabalhar com a linguagem musical no ensino regular e descobriu que ela é pouco presente nestes cursos, aparecendo com disciplina específica em apenas 27 deles. Além de apontar para a carência da música como disciplina curricular, a autora revela que não se tem aproveitado o alcance que esta ferramenta possibilita aos indivíduos em termos de desenvolvimento cultural e estético.

De acordo com Henriques (2011) “além dos poucos cursos de Licenciatura em Música no país, há outra questão que dificulta a presença do professor de música nas escolas, que é falta de interesse de licenciados em música em atuar no Ensino Regular”. A autora comenta em sua tese que existem projetos para a integração entre professor especialista e o professor das séries iniciais e cita o exemplo do projeto “Tocando e Cantando... fazendo música com crianças” que é realizado em Mogi das Cruzes no Estado de São Paulo. Mas segundo Henriques (2011, p. 32) esse é um caso isolado, “já que a maior parte das escolas brasileiras não conta com aulas de música”.

Bellochio (2003) relata sobre a experiência da Universidade Federal de Santa Maria que no 5º período do curso de pedagogia existem duas disciplinas obrigatórias relacionadas ao ensino de música: metodologia do ensino de música e metodologia do ensino da música para a educação infantil, ambas com 60h teóricas e 30h práticas. O curso, diferente das outras universidades, dá a importância para a música na formação do educador. Os alunos são incentivados a viver a música, a pensar

na importância da música para suas vidas. Também são oferecidos projetos de pesquisas e extensão na área de educação musical na escola.

Estudos são realizados a respeito do ensino da música e em sua maioria existe o comum acordo de sua importância no desenvolvimento de diversas áreas do ser humano. De acordo com Campbell, Campbell e Dickinson (2000):

a atividade musical realizada em casa, ou em qualquer ambiente que a pessoa esteja, proporciona fundamentos importantíssimos na formação do indivíduo e seguramente apresenta-se como excelente instrumento didático-pedagógico capaz de provocar grandes avanços em ambiente escolar. Devido à intensa ligação entre a música e as emoções, a musicalização no ambiente escolar pode criar situações positivas para a aprendizagem.” (CAMPBELL, CAMPBELL E DICKINSON, 2000 *apud* CORREIA, 2010 p. 137)

Os autores que estudam esta área se dividem em essencialistas e contextualistas. De acordo com Almeida (2001), os essencialistas defendem que “o ensino artístico deve se preocupar somente com o que está diretamente relacionado às Artes” e os contextualistas entendem que o ensino das Artes deve contribuir na formação de valores, atitudes e hábitos. Para eles a música deve ser trabalhada a todo momento nas atividades escolares, como por exemplo no momento do lanche, da higiene, de guardar os brinquedos, datas comemorativas, etc.

De acordo com Henriques (2011, p. 29):

é preciso buscar parceiros para o desenvolvimento da educação musical na Educação Básica do País. O profissional que poderia atuar constantemente no desenvolvimento musical de seus alunos, é o pedagogo que atua nas séries iniciais do Ensino Básico (Educação Infantil e Fundamental I).

Com isso pode-se perceber como é importante que se invista na formação musical de professores Licenciados em Música e também nos professores Licenciados em Pedagogia. Em sua tese, Henriques (2011) se refere a uma pesquisa realizada por Figueiredo (2001) em instituições das regiões Sul e Sudeste brasileiras, que oferecem Curso de Licenciatura em Pedagogia. É apresentado como parte da pesquisa que:

Apenas uma instituição oferece 3 disciplinas de arte no 5º semestre do curso com 240 horas no total, sendo que cada disciplina é dirigida para uma linguagem artística específica. A grande maioria das disciplinas oferecidas aborda várias linguagens artísticas, sendo que as mesmas são ministradas por um único professor. [...] De um modo geral, a música é pouco oferecida nas disciplinas mencionadas e é considerada específica demais (FIGUEIREDO, 2001 *apud* HENRIQUES, 2011 p. 30).

Para Bellochio (2003, pg. 128) muitas vezes o pedagogo é menosprezado e julgado como um profissional que não necessita de muitos conhecimentos e para a

autora isso é uma inverdade e quando o tema é música além de gostar de crianças e de músicas é necessário que o profissional saiba e consiga fazer.

2.4. A importância do canto nas práticas pedagógicas

Na música, além da melodia, muitas vezes existe a letra e com ela, o canto, a partir da voz. Segundo Carmo (2004, p. 218)

A voz é um instrumento a serviço de dois distintos fazeres. Em primeiro lugar, a voz é um dizer; diz fonemas, palavras, frases, discursos, numa palavra, a voz é logos. Mas a voz também é um cantar; canta notas, motivos melódicos, frases musicais, melodias. A voz agora é mélos. São duas diferentes manifestações da oralidade que podemos analiticamente distinguir, mas que são indissociáveis, por que são complementares.

Quando o bebê nasce e começa a ouvir músicas ele passa a reproduzir sons, ou seja, o canto se faz presente na vida das pessoas antes mesmo da fala. Conforme a criança cresce e adquire vocabulário é capaz de improvisar cantando, criando letras de músicas e tendo prazer em executá-las com sua voz.

Segundo Teles (2012) desde o ventre de sua mãe o bebê já recebe sons e tem reações a esses estímulos sonoros. Desde cedo as pessoas entram em contato com a cultura musical do seu meio e aprendem os costumes do seu povo e suas tradições musicais.

Segundo Ávila e Silva (2003, p. 82) “a voz é um instrumento natural que já faz parte do aluno. Merece cuidados especiais, devendo ser preservada, pois, tanto a fala como o canto são nossos melhores instrumentos de comunicação” e a canção infantil tem as características necessárias para que as crianças cantem, sem forçar a voz e sem palavras complicadas.

Para Bellochio (2003, p. 132):

Cantar continua sendo uma alternativa possível de realização musical nas escolas brasileiras. No entanto, é preciso saber como cantar, o que cantar, como selecionar repertório e dar-lhe um tratamento musical inter-relacionado a outras ênfases educacionais. É preciso que o professor tenha cuidados com sua colocação vocal ao cantar e isso requer trabalho de reconhecimento sobre a voz, higiene vocal e também práticas musicais por meio da voz.

Mas afinal, quais as vantagens do ensino da música por meio da prática vocal? Ávila e Silva (2003, p. 82) respondem que o canto favorece o ensino massivo, ajuda no desenvolvimento da linguagem, é baseado no repertório musical cultural do

aluno, prima na autodisciplina e socialização, ajuda na emissão da voz, eleva a auto-estima do aluno, ajudando-o no aprendizado.

Um dos métodos que utilizam a voz é o Método Kodály, o qual parte da vivência musical para adquirir conceitos, para aprender a ler e a escrever músicas. Na metodologia desse método são utilizadas atividades lúdicas e que motivem e deem prazer aos alunos.

O canto deve ser percebido como um conhecimento que não é adquirido, mas sim construído. Essa construção de acordo com Specht e Bündchen (2009) se dá a partir de uma pedagogia na qual o professor de canto ou educador musical faça com que os alunos explorem sua voz e corpo não deixando de lado a análise e reflexão. É necessário “criar, ousar, fundamentar e acreditar no potencial individual do aluno” (SPECHT e BÜNDCHEN, 2009, p. 75).

2.5. A possibilidade de construção de instrumentos musicais com sucata

Para que a aula de música seja interessante e simples de realizar podem ser utilizados materiais recicláveis, sucata, para a elaboração de instrumentos musicais. Assim não é necessário um grande custo para as aulas e ainda envolve a criatividade na criação desses instrumentos. De acordo com as autoras Ávila e Silva (2003, p. 85):

Deve haver, guardada em lugar apropriado, uma boa coleção de sucatas: todo e qualquer tipo de material sonoro disponível para pesquisa, que não ofereça perigo para as crianças. A investigação do som tem um papel de grande relevância nessa faixa etária, sendo útil tanto para o desenvolvimento perceptivo, quanto para incrementar a criatividade, como na invenção de instrumentos ou objetos sonoros.

Brito (2003) diz que a construção de instrumentos musicais ou objetos sonoros desperta a curiosidade e interesse nas crianças, contribui para o entendimento de questões referentes à teoria musical, estimula a pesquisa, a imaginação, a criatividade, organização, entre outras contribuições. De acordo com Brito (2003, p. 69):

as crianças se relacionam de modo mais íntimo e integrado com a música quando também produzem os objetos sonoros que utilizam para fazer música, o que não significa que essas peças devam substituir o contato com instrumentos convencionais, industrializados ou confeccionados artesanalmente.

Para Jeandot (1997) quando as crianças utilizam instrumentos que elas próprias construíram, desperta o desejo de explorá-los e obter todas as sonoridades possíveis.

Ao construir instrumentos musicais, pode-se dialogar com outros conteúdos, como por exemplo a educação ambiental. A pluralidade cultural pode ser trabalhada ao conversar com os alunos sobre o instrumento musical e seu contato com as diversas culturas.

Para que a construção dos instrumentos musicais seja mais rica, prazerosa e significativa Brito (2003) sugere que se estabeleçam relações com as histórias dos instrumentos musicais e seu papel no decorrer do tempo em contato com as diferentes culturas. É interessante que se escute o som do instrumento e converse com instrumentistas para que o contato das crianças com o instrumento seja maior.

2.6 Fundamentos principais da interdisciplinaridade na educação

Com a elaboração da base teórica e realização das entrevistas foi vista a necessidade de adicionar neste trabalho a questão da interdisciplinaridade na educação como parte importante na questão da educação musical escolar.

O conceito de interdisciplinaridade passou a se tornar presente por volta da década de 70 e muitos estudiosos buscaram estudar sobre ela, suas diferenciações (multi, pluri e transdisciplinaridade) e desenvolvimento.

Sabe-se que os currículos das disciplinas tradicionais oferecem aos alunos um acúmulo de informações que muitas vezes não são interessantes para o aluno e não fazem parte de sua vivência no cotidiano. De acordo com Zanon e Pedrosa (2014) “Tem-se assistido à efetivação de um ensino bancário, com uma matriz curricular dissociada da realidade dos alunos e a compartimentação estanque das disciplinas, que não gera uma visão integrada e real do mundo em que vivem”. O conteúdo normalmente é “jogado” nos alunos para que tudo seja passado da maneira como planejado. Ao invés de contextualizar o conteúdo com a realidade do aluno, o saber fica disciplinado, fragmentado e não forma o indivíduo como cidadão e para as relações sociais.

Segundo Fazenda (1991, p. 15) “(...) o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma exaustiva. Tenta, pois,

o diálogo com outras fontes do saber, deixando-se irrigar por elas”. Ou seja, busca unir disciplinas e vivências para que a aprendizagem seja mais prazerosa e eficaz.

A interdisciplinaridade é um grande desafio para educadores e instituições por ser complexa, por esse motivo é necessário ter conhecimento de que para agir de um modo interdisciplinar deve-se ter ousadia e vontade de transformação. De acordo com Fazenda (1989, p. 159) para dar início a esse modo interdisciplinar é comum encontrar barreiras, mas estas devem ser destruídas pelo desejo de criar, inovar, ir além.

Para Bellochio (2003, p. 1):

o professor unidocente trabalha multidisciplinarmente nos anos iniciais e, a música, é um saber disciplinar que existe e dialoga com outros, sem perder o que de intrínseco a constitui, ou seja, a linguagem musical em suas múltiplas formas de existir e expressar.

A interdisciplinaridade pode ser considerada um meio de melhor formação do indivíduo possibilitando: uma inter-relação de múltiplas experiências, um diálogo entre as disciplinas, a abertura de campos de conhecimento, uma educação permanente e com trocas de experiências formando um cidadão crítico e transformador da realidade. Uma proposta dada por Henriques (2011, p. 32) é de que os professores das séries iniciais estejam presentes nas aulas de música, porque assim:

teriam um maior contato com o desenvolvimento da linguagem musical de seus alunos e poderiam trabalhar diariamente, dentro de suas possibilidades, as questões propostas pelo profissional especialista e integrá-las aos demais conteúdos desenvolvidos em suas aulas.

A interação entre as disciplinas é um ponto principal na efetivação da interdisciplinaridade e Fazenda (1979, p. 12) afirma que “essa integração não pode ser pensada apenas no nível de integração de conteúdos ou métodos, mas basicamente no nível de integração de conhecimentos parciais, específicos, tendo em vista um conhecer global.”.

Na Carta de São Bernardo (2013) é dito que não existe apenas um modelo de interdisciplinaridade, as soluções são e devem ser diversas, sempre respeitando as especificidades das diferentes áreas de conhecimento e buscando a liberdade no modelo didático.

Sendo assim a interdisciplinaridade da disciplina de música com as demais disciplinas não seria necessária para um conhecer global dos alunos? Afinal, a música unida às demais disciplinas pode contribuir para o melhor desenvolvimento dos alunos?

3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA.

No presente Capítulo, apresento os métodos utilizados para a realização do estudo. Esta pesquisa classifica-se como qualitativa, por ser de acordo com Chizzotti (2006, p.28) “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” e como um estudo de caso, pois, de acordo com Groppo e Martins (2007) o estudo de caso coleta e registra dados que podem aprofundar e revelar características de um caso mostrando também seus limites e possibilidades. E ainda, para Malheiros (2011), o estudo de caso consiste em selecionar uma amostra de uma “unidade individual” (que pode ser uma pessoa, um grupo ou uma situação), pesquisando ações específicas para se compreender uma relação de causa e efeito.

De acordo com Malheiros (2011), para a condução de um estudo de caso, após definir o problema e delimitar a unidade – neste caso, um grupo de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental – se deve estruturar o instrumento de coleta de dados. A literatura apresenta algumas formas de se coletar dados em uma pesquisa qualitativa, sendo as mais comuns a observação e a entrevista. Para a realização dessa pesquisa foram feitas entrevistas com professoras do Ensino Fundamental e uma professora específica do Ensino de Música no Ensino Fundamental.

As perguntas realizadas para os entrevistados foram construídas por mim em diálogo com a orientadora desse trabalho a partir das leituras feitas para a construção da base teórica, em conversas com a orientadora quando surgiam dúvidas a partir das minhas observações enquanto observadora no Estágio em Ensino Fundamental realizado no ano de 2013.

As entrevistas foram realizadas em ambiente escolar durante períodos de intervalo das docentes. Com o consentimento de cada uma das professoras foram gravados os áudios da conversa e em seguida transcrevi os áudios para a realização da análise.

Para a análise das entrevistas, a fim de que a pesquisadora não seja um sujeito isolado que se norteia apenas por sua intuição e assim, perca o rigor pretendido na pesquisa, foram sendo estabelecidos tópicos a partir do exame dos dados, isto é, dos temas que surgiam nas entrevistas. Com base nestes tópicos é criado um diálogo entre os relatos das professoras entrevistadas, os questionamentos de autores que refletem

sobre os assuntos específicos em pauta e as minhas próprias concepções, enquanto pesquisadora.

Assim, o movimento de análise parte dos dados da realidade das entrevistadas, em direção à conceituação fornecida pela literatura, passando por minhas observações da práxis na escola, minhas impressões e pensamentos, procurando criar um quadro de compreensão sobre o tema aqui investigado.

3.1 Procedimentos de pesquisa

Para a realização do estudo de caso, apoiei-me, primeiramente, no levantamento bibliográfico, que não é apenas uma técnica de coleta de dados, mas serve como demarcação do referencial teórico para, posteriormente, iniciar a coleta de dados em campo, baseada em entrevistas. Segundo Groppo e Martins (2007, p.29):

pode ser descrita como um diálogo que o pesquisador estabelece com uma ou mais pessoas que guardam informações sobre o tema e problema da pesquisa. Ele difere fundamentalmente do questionário justamente por ser um diálogo entre o pesquisador e o entrevistado, com toda a riqueza e limites que isso implica.

Após o levantamento bibliográfico foram realizadas as leituras e os fichamentos dos textos escolhidos, me permitindo escrever sobre o objeto de pesquisa baseando-me nas investigações relacionadas ao tema. Com a base teórica finalizada foram organizadas as perguntas para as entrevistas que foram realizadas com nove professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental e uma professora de Música do Ensino Fundamental.

As professoras entrevistadas concordaram em conceder seus nomes e falas e autorizaram a gravação do áudio das entrevistas. Perguntei para elas se poderiam fornecer uma fotografia para inclusão no trabalho e todas ficaram muito contentes em tomar parte. Enviaram as fotos via e-mail, Facebook e Whatsapp. As entrevistas foram realizadas em ambiente escolar e na minha casa. Para a realização das entrevistas fui até a escola e perguntei o melhor horário para cada uma. Elas assinaram termos de consentimento que estão constantes do APÊNDICE B.

Após as gravações das entrevistas deu-se início às transcrições das mesmas realizadas pela autora do trabalho a fim de propiciar a análise de dados. Optei por transcrever as entrevistas para lembrar os momentos da entrevista, para prestar atenção nos detalhes de cada fala e para ter mais contato com as falas das entrevistadas.

Para Queiroz (1983), a transcrição seria uma reprodução de um documento (a gravação) em um segundo exemplar (material escrito) que possua identidade com o primeiro. segundo ele, a transcrição traz como vantagem a oportunidade de uma “primeira reflexão sobre sua experiência”.

No APÊNDICE C consta o termo de consentimento levado na escola em que foi realizado o Estágio Supervisionado Obrigatório para que fosse autorizada a utilização de fotos tiradas durante este período.

As entrevistas realizadas com as professoras do Ensino Fundamental e a professora especialista em música encontram-se na íntegra no APÊNDICE D.

4. CAPÍTULO III. ANÁLISE DE DADOS.

4.1 As professoras entrevistadas

No decorrer do processo de coleta de dados, as professoras entrevistadas tornaram-se cada vez mais importantes na medida em que ofereceram reflexões importantes sobre a temática aqui investigada. Muitos saberes foram mobilizados, privilegiando o aprofundamento dos estudos sobre Educação Musical e interferindo nas escolhas metodológicas. Assim sendo, decidimos – eu e a orientadora do trabalho – criar tópicos para cada uma delas, contando um pouco de suas histórias, os quais apresentamos a seguir.

Todas as professoras entrevistadas são mulheres, de 36 a 55 anos, professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dentre as entrevistadas todas trabalharam ou trabalham no 1º ano, 7 no 2º ano, 7 no 3º ano, 6 no 4º ano e 7 no 5º ano.

Atualmente 4 professoras trabalham com o 1º ano, 3 trabalham com 2º, 3º e 4º ano e 2 trabalham com 3º ano. A professora de música trabalha com todos os anos do Ensino Fundamental.

4.1.1 Luciane Nagy Cação



Figura 1: Professora Luciane. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.

Idade (se desejar): Eu tenho 48 anos.

Cidade de nascimento: Eu nasci em Pariquera-Açu, no litoral de São Paulo.

Formação escolar: Eu estudei até o segundo grau em escolas estaduais.

Formação acadêmica: Eu fiz Faculdade de Ciências e Letras - Português e Inglês, que hoje é a atual UNISO (Universidade de Sorocaba).

Formação musical: Antes da faculdade eu fiz curso de piano pelo Conservatório Musical João Batista Julião sob orientação da professora Ilza Maria Soares.

Quanto tempo atua no Ensino Fundamental: Bom, eu sempre trabalhei no conservatório, daí eu comecei a entrar nessa outra área da Pedagogia Musical voltada pro Fundamental. Foi há 22 anos, quando entrei no Santa Escolástica, porque antes eu não tinha trabalhado em escola. A gente trabalha musicalização no conservatório e ele tem um foco um pouco diferente até porque as salas são menores né? No Colégio, assim, com salas maiores, a maneira de conduzir a aula tem que ser diferente do que a maneira que eu trabalhava, por exemplo no conservatório.

Com quais séries/anos trabalha: Bom, do Fundamental eu trabalho do 1º ao 5º ano.

Neste tópico refletimos sobre os principais pontos levantados pela professora Luciane, mas suas falas também serão encontradas permeando os tópicos seguintes deste capítulo. Sua entrevista na íntegra encontra-se no APÊNDICE D.



Figura 2: Professora Luciane com 3 anos. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.

A música esteve presente na vida de Luciane desde antes de nascer. Seu pai, antes de casar, já tocava em orquestras e bandas. Em sua casa sempre havia discos de vinil, segundo ela “o que eu achava bonito do meu pai era que toda vez que ele viajava ele saía e ele trazia disco. Ele trazia de vários estilos, inclusive samba, mas de preferência mais orquestral”. Seu pai aprendeu a tocar órgão e tocava em uma igreja em Pilar do Sul. Com cinco anos Luciane acompanhava seu pai na missa e sentava ao seu lado quando estava tocando, “tinha aqueles órgãos antigos que conforme ele tocava, abaixavam uma teclas lá no grave automaticamente, dependendo do registro que ele colocava, e eu aí eu lembro, eu lembro! Que eu colocava o meu dedinho nessas teclas que abaixavam, fazendo de conta que era eu que estava tocando.”. Desde os cinco anos já sabia que queria tocar piano, mas na cidade onde morava não existia uma professora, então apenas com 8 anos iniciou suas aulas quando mudou de cidade, aos 9 anos ganhou seu primeiro piano (Figura 3) e aos 12 entrou no conservatório. Em 1984 se formou em Piano (Figura 4) e neste mesmo ano regeu o seu primeiro coral, Coral COJES – Comunidade Jovem Espírito Santo (Figura 5).



Figura 3: Professora Luciane e seu primeiro piano. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 4: Formatura da professora Luciane em piano. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 5: Coral COJES regido pela professora Luciane. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.

Ao iniciar sua carreira no Colégio Santa Escolástica, Luciane realizou vários projetos musicais envolvendo alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Como estudei neste colégio por toda a minha vida escolar, (Pré III ao 3º ano do Ensino Médio) estive presente em muitos destes projetos, como por exemplo o Coral Infantil (Figura 6, 7, 8, e 9), posteriormente chamado de Coral Pequeno Plácido, a banda rítmica (Figura 34) e o Projeto 100 vozes (Figura 10) – realizado quando o colégio completou 100 anos, o projeto consistia em 100 pessoas (pais, alunos, professores e funcionários de outros departamentos do colégio) que fizeram parte de um grande coral.



Figura 6: Coral do Colégio Santa Escolástica. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 7: Coral Pequeno Plácido. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 8: Coral Pequeno Plácido visitando o asilo. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 9: Coral Vozes do Santa. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 10: Projeto 100 Vozes. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.

Além de seus trabalhos no Colégio Santa Escolástica, Luciane também participou de vários outros projetos e trabalhos como a Cantata da Fepasa (Ferrovia Paulista S.A) durante 7 anos (Figura 11), regência do coral do Conservatório João Batista Julião (Figura 12), acompanhamento de piano com solistas (Figura 13) e corais (Figura 14), Conjuntos de Câmara – que tem poucos instrumentistas em sua composição, diferente de uma orquestra, por exemplo – (Figura 15), grupos de flautas (Figura 16) e Grupo de iniciantes em flauta com conjunto de violões no Conservatório João Batista Julião (Figura 17).



Figura 11: Cantata FEPASA. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 12: Regência do coral do Conservatório João Batista Julião. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 13: Acompanhamento de piano com solistas. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 14: Acompanhamento de corais. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 15: Conjunto de Câmara. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 16: Grupo de Flauta. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 17: Grupo de iniciantes em flauta com conjunto de violões. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.

Luciane procura sempre manter um ambiente democrático respeitando o gosto das crianças, propõe em suas aulas aquilo que as crianças não tem acesso, “se eles não conhecem MPB, eu dou um pouco de MPB... músicas antigas, compositores antigos... então eu procuro não repetir o que tem tão fácil acesso pra eles (...) eu procuro realmente variar dando a possibilidade de conhecer novos estilos, novos ritmos, novos compositores, pra que eles tenham, um pouco mais lá na frente, personalidade para definir “é esse estilo que eu gosto!”.”.

Segundo Duarte e Mazzotti (2006, p. 1) “as diversas práticas pedagógicas em música são produtos de representações sociais de música e podem aproximar ou mesmo afastar professores e alunos”. O professor de música deve respeitar a cultura musical que os alunos levam para a escola, nunca devem tratar o aluno como máquina e trazer respostas prontas para ele, é sempre válido o diálogo, a apresentação de novos estilos musicais e suas apreciações.

O maior objetivo da professora Luciane em suas aulas é “despertar, é propor um leque de possibilidades musicais e aí aquelas realmente vão absorvendo aquilo que mais interessam e aí eu vou atingir o meu maior objetivo que é essa musicalização, que é propor várias formas e mais possibilidades do que elas têm.”.

4.1.2 Cíntia de Cássia Candioto del Cistia



Figura 18: Professora Cíntia. Foto fornecida pela professora Cíntia de Cássia Candioto del Cistia.

Idade: 55.

Cidade de nascimento: Sorocaba.

Formação escolar: Escola Municipal Getúlio Vargas.

Disciplina que ministra: No fundamental I (anos iniciais) são todas: Português, Matemática, História, Geografia e Ciências.

Formação acadêmica: Superior, Letras complementação Pedagógica.

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental: 28 anos.

Séries (anos) em que trabalha/trabalhou: Toda a minha vida como professora sempre foi na alfabetização do primeiro ano.

4.1.3 Gisele Vasques



Figura 19: Professora Gisele. Foto fornecida pela professora Gisele Vasques.

Idade: 41.

Cidade de nascimento: Nasci em Votorantim.

Formação escolar: Escola Estadual de 1º e 2º grau Comendador Pereira Inácio e fiz o Magistério na Escola Estadual de 1º e 2º grau Professor Daniel Verano.

Disciplina que ministra: Sou professora alfabetizadora polivalente, então ministro Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia.

Formação acadêmica: Pedagogia e estou terminando a pós-graduação em Psicopedagogia.

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental: Eu estou lecionando faz 20 anos, no Fundamental, acho que 15, fiquei 5 anos no Infantil.

Séries (anos) em que trabalha/trabalhou: Eu trabalho como alfabetizadora há 15 anos, trabalhei no pré que seria crianças de quatro e cinco anos e trabalhei com crianças de quarta série que hoje é o quinto ano. É isso só. E atualmente com primeiros anos.

4.1.4 Karen Fazzio



Figura 20: Professora Karen. Foto fornecida pela professora Karen Fazzio.

Idade: 36.

Cidade de nascimento: Sorocaba.

Formação escolar: Veritas, Objetivo, Padilha, Dom Aguirre e OSE.

Disciplina que ministra: as cinco disciplinas: História, Geografia, Ciências, Matemática e Língua Portuguesa.

Formação acadêmica: Pedagogia e pós-graduação em Libras.

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental? 16 anos

Séries (anos) em que trabalha/trabalhou: Primeiro ao quinto, já trabalhei em todas e agora estou no segundo ano.

4.1.5 Aracelli Pereira Melo



Figura 21: Professora Aracelli. Foto fornecida pela professora Aracelli Pereira Melo.

Idade: 36 anos.

Cidade de nascimento: Sorocaba

Formação escolar: O 1º grau no Genésio e o Magistério no Bierrenbach.

Disciplina que ministra: Polivalente, são todas. Todas as disciplinas a gente dá.

Formação acadêmica: Superior em Pedagogia.

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental: No Fundamental, 15 anos.

Séries (anos) em que trabalha/trabalhou: Então, de primeiro ao terceiro ano, e agora eu tô com o primeiro ano. De manhã eu fico com crianças do primeiro ano e a tarde com terceiro ano.

4.1.6 Silvia Nair Marconato dos Santos



Figura 22: Professora Silvia. Foto fornecida pela professora Silvia Nair Marconato dos Santos .

Idade: 43.

Cidade de nascimento: São Paulo.

Formação escolar: Não fiz a Educação Infantil. O Fundamental I eu fiz na Escola Quinzinho de Barros na Vila Hortência até a 8ª série e eu fiz o Magistério no Estadão.

Disciplina que ministra: sou polivalente, então: Português, Matemática, História, Geografia e Ciências.

Formação acadêmica: Pedagoga.

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental: 23 anos

Séries (anos) em que trabalha/trabalhou: eu trabalho com o terceiro ano e já trabalhei desde o primeiro até o quinto

4.1.7 Taís Franques Kain



Figura 23: Professora Taís. Foto fornecida pela professora Taís Franques Kain.

Idade: 39.

Cidade de nascimento: Sorocaba.

Formação escolar: Escola Peninha. Estudei até o 2º ano no Colégio Santa Escolástica, do 3º ao 7º na Escola Estadual Gumercindo Gonçalves, 8º na Escola Estadual Roberto Paschoalick e fiz Magistério na OSE.

Disciplina que ministra: 1º ano.

Formação acadêmica: Superior completo – Pedagogia.

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental: É o segundo ano. Mas como professora, mais de 15 anos.

Séries (anos) em que trabalha/trabalhou: Já trabalhei com maternal (crianças de 2 anos e meio), Jardim I que aqui no Santa Escolástica eles falam que é infantil I eu acho. Eu trabalhei com crianças de 2 anos e meio, 3, 4, 5, 6 e 7. Desde os pequenininhos até agora. É que cada escola fala um nome, maternal, infantil, pré I, então eu não sei, mas foram essas idades que eu trabalhei.

4.1.8 Cacilda Maria dos Santos



Figura 24: Professora Cacilda. Foto fornecida pela professora Cacilda Maria dos Santos.

Idade: 42.

Cidade de nascimento: Conselheiro Mairinck - Paraná

Formação escolar: Escola Estadual Daniel Verano

Disciplina que ministra: Matemática e a tarde eu trabalho no ensino público, sou polivalente.

Formação acadêmica: Psico-pedagoga pós-graduada em Educação especial e Alfabetização.

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental: Uns 20 anos

Séries (anos) em que trabalha/trabalhou: Eu já trabalhei desde a creche até a alfabetização dos adultos. E hoje em dia eu trabalho no Fundamental I, 1º ao 5º ano. De manhã, 4º e 5º ano, só que eu só trabalho com Matemática e de tarde eu trabalho com alunos de 7, 8 e 9 anos.

4.1.9 Daniela Maria Gama Barbosa



Figura 25: Professora Daniela. Foto fornecida pela professora Daniela Maria Gama Barbosa.

Idade: 38.

Cidade de nascimento: São Paulo capital

Formação escolar: Escola Municipal Rui Bloem, Escola Estadual de 2º grau Professora Ayres de Moura.

Disciplina que ministra: Português, História e Geografia.

Formação acadêmica: Faculdade de Pedagogia e pós-graduada em neuro-educação.

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental: 11 anos

Séries (anos) em que trabalha/trabalhou: Já trabalhei com Jardim, 1º, 2º, 3º, 4º e 5ºs anos. Hoje eu trabalho com 4º e 5º ano.

4.1.10 Thelma Aparecida Corrêa Basto



Figura 26: Professora Thelma. Foto fornecida pela professora Thelma Aparecida Corrêa Basto.

Idade: Precisa? (risos) 41 anos de idade.

Cidade de nascimento: Eu nasci em Registro

Formação escolar: Estudei o 1º grau na Escola Estadual Professor Viana Muniz, em Eldorado. O 2º grau foi no CEFAM aqui em Sorocaba.

Disciplina que ministra: Polivalente: Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências e Geografia.

Formação acadêmica: Nível Superior Completo, em Pedagogia. No curso de Pedagogia pós-graduada em Alfabetização e Deficiência.

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental: 20 anos

Séries (anos) em que trabalha/trabalhou: Eu já trabalhei com o Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, com classe especial de deficiente auditivo, com Alfabetização de Jovens e Adultos. Agora, atualmente eu trabalho com Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano. Ah, com Pré-Escola eu também já trabalhei. No período da manhã eu trabalho com 4º e 5º ano e no período da tarde com 2º ano.

4.2 Memórias musicais da infância.

Conforme visto no primeiro capítulo, a música está entre as primeiras experiências sociais da criança e “... torna-se parte da vida de uma criança com as experiências em família, o contacto com a rádio e a televisão, a participação em serviços religiosos, as disciplinas de música do currículo escolar, e o jogo e atividades recreativas organizadas.” (PEERY, 2006, p.461). Portanto, um dos aspectos analisados nas falas das docentes entrevistadas é relativo às suas memórias.

Dentre as respostas obtidas, em relação às pessoas envolvidas na formação musical das entrevistadas encontram-se: tia, avó (3), avô, professora (2), irmãos (2), pai (4), mãe (3), com os amigos (2) e primos.

As professoras revelaram que escutavam música em locais tais como: a rua em que moravam, bar do pai, em suas casas, na escola (4), na discoteca e na beira da represa com fogueira.

Por fim, em relação aos estilos e formas musicais, emergiram manifestações a respeito de: rodas cantadas, cantigas de roda, brincadeiras (2), MPB (Música Popular Brasileira), Beatles (02), Sertanejo, música de igreja e músicas infantis.

A partir das respostas obtidas a respeito do tópico em questão, percebi que assim como na minha vida a música esteve sempre presente por meio da família e dos amigos, na vida de outras pessoas também isso ocorreu. Ao realizar as entrevistas percebi pelo brilho no olhar das professoras que ao relembrar da infância e da música nesse período de suas vidas, vieram ótimos momentos e memórias.

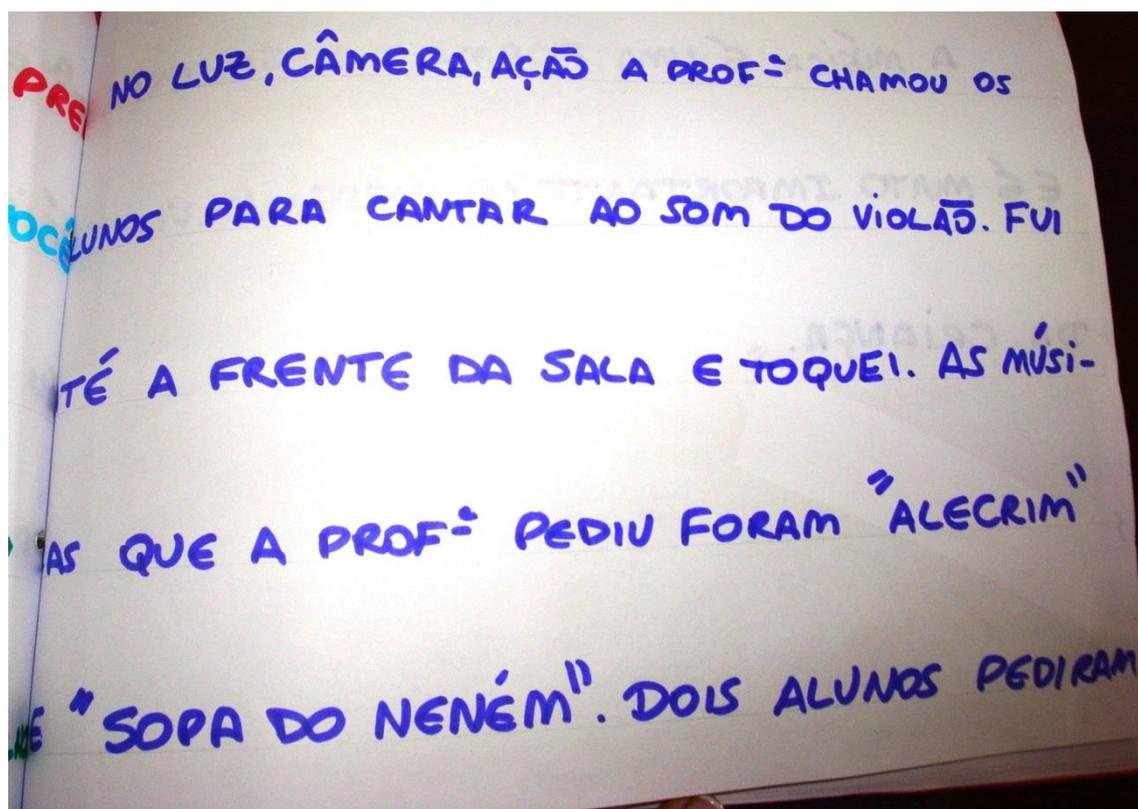


Figura 27: Foto da página do meu Livro da Vida produzido durante o Estágio.

Durante o Estágio realizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental no ano de 2013, produzi um Livro da Vida, por orientação das professoras Adriana Varani e Frediana Vezaro de Medeiros, que é uma técnica de Célestin Freinet (1896 - 1966) baseada na feitura de um caderno onde registramos nossas impressões, sentimentos, pensamentos de formas variadas. Na figura 27 observa-se que, assim como foi revelado pelas entrevistas, a professora é um sujeito importante na formação musical das crianças. Neste caso específico a professora solicitou uma cantiga popular – Alecrim Dourado – e outra canção atual conhecida entre as crianças – Sopa do Neném, do grupo Palavra Cantada.

4.3 Práticas musicais com as crianças na escola

Como foi visto no Capítulo I, Eugênio, Escalda e Lemos (2012) nos informam que a música é importante para diversas áreas de desenvolvimento, como por exemplo, as áreas linguística, motora, cognitiva, entre outras. Pude perceber pelas falas das professoras que realmente acontece uma melhora em várias áreas de

desenvolvimento dos alunos. Segundo a professora Daniela “a música acalma, as crianças ficam mais felizes, mais tranquilas... a gente consegue criar um vínculo com as crianças através da música”, a professora Thelma além de dizer que a música ajuda na mudança de comportamento das crianças diz que acontece uma “mudança na aprendizagem, facilita a assimilação daquilo que eu quero que eles aprendam.”. Já Cíntia gosta de utilizar a música para desenvolver atividades ligadas a área da matemática, “sempre que eu tenho alguma atividade em matemática eu sempre faço uma melodia, por exemplo, na contagem de números, de 1 à 20, de 20 à 30, então sempre cantarolando para que eles possam memorizar (...) eles adoram porque isso é uma forma de trazer os alunos ao interesse da disciplina e com isso eles aprendem brincando.”. Como professora de matemática do 4º e 5º ano, Cacilda também procura utilizar a música para ajudar as crianças a gravarem conteúdos “Quando você trabalha alguma música no conteúdo as crianças gravam mais fácil aquilo que você tá querendo passar.”.

Outra forma na qual a música é utilizada são nos momentos em que não estão sendo realizadas lições no caderno ou apostila. Além do desenvolvimento cognitivo Peery (2006) e Ávila e Silva (2003) relatam a importância da música no desenvolvimento da linguagem, no aspecto social, na criatividade e na ajuda na autoestima. A professora Karen costuma utilizar a música para relaxar as crianças quando estão agitadas e para ajudá-los a lembrar de alguns conteúdos e “eles amam, até porque junto, eu filmo, tem que ser um flash né Dani, você sabe que tem que ser um show (risos), então eles ficam super empolgados”. A professora Daniela costuma utilizar da mesma prática, “quando a sala tá muito agitada eu gosto de cantar pra eles, quando a gente está se locomovendo também, sempre assim, pra acalmar. Eu gosto da música para estar alegrando o ambiente e para acalmar as crianças.”. Assim como apresentado por Peery (2006) e Ávila e Silva (2003), a professora Taís relatou suas experiências afirmando que a música é importante no aspecto social e de linguagem “No começo nós tínhamos uma música que era a música de cumprimentar o amigo, de um boa tarde, de ter esse momento de abraçar o amigo, então é “boa tarde, como vai você? Meu amigo, como é bom te ver!”, então eles batem palmas, batem as mãos, tal. “Me dê um abraço de amigo no coração”, então essa música faz as crianças terem contato com o outro. E eu falava assim pra eles não podiam escolher sempre o mesmo amigo, tinha que trocar, podia ser menino com menina, menino com menino, menina com menina, mas tinha que estar sempre trocando, porque quando chegasse no final do

mês todos teriam que ter abraçado todos os amigos (...) eu gosto sabe, além de ensinar eles bastante, faz com que a criança se desenvolva mais, movimento o corpo. Tem as crianças tímidas que elas ficam assim se soltando aos pouquinhos e quando vê eles continuam com a timidez, mas eles se deixam tocar, soltam mais a voz, coisa que antes não acontecia. Antes tinha criança que mal saía som da boca pra cantar, hoje em dia eles já cantam, já gesticulam, já fazem o que tem que fazer, eu gosto de trabalhar música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.”.

Em uma quarta-feira à tarde, na escola municipal em que realizei o Estágio Supervisionado Obrigatório, na cidade de Sorocaba, uma colega da faculdade que trabalhava naquela escola, levou o violão dela para que eu levasse de carro para a Universidade na aula que tínhamos no período noturno. Logo que a professora da sala me viu com o violão perguntou se eu tocava também e quando afirmei que sim pediu para que eu tocasse para eles algum dia.

No dia seguinte levei meu violão para a escola e ao chegar lá a professora me disse que no momento do “Luz, Câmera, Ação” (um projeto que ela fazia com os alunos diariamente no qual eles apresentavam algum poema, liam alguma parte de um livro que eles gostassem, etc.) eu poderia tocar e cantar com eles algumas músicas. Então no momento propício fui até a frente da classe e perguntei quais músicas ela gostaria que eu tocasse e a professora pediu que eu tocasse as músicas “Alecrim” e “Sopa do Neném”. Na primeira música ela disse para os alunos ficarem sentados em seus lugares e cantassem de suas carteiras, na segunda música o pedido foi o mesmo, mas como a música é mais animada a professora percebeu que eles estavam ansiosos por levantar e dançar a música e então disse que eles poderiam ficar em pé, bater palmas e dançar. Toquei diversas vezes a música e eles ficaram muito animados e seus olhos brilhavam ao cantar e dançar na escola, já que pelo que percebi no período do Estágio essa foi uma das poucas vezes que tiveram espaço para a música no cotidiano escolar.

Quando estava perto do momento em que eu iria embora alguns alunos pediram para a professora para cantarem sozinhos para a sala e ela autorizou, então toquei “Alecrim” e cada um teve o seu momento de canto perante a sala. Foi muito gostosa essa experiência de levar a música para aquelas crianças, percebi a alegria que saía deles, o brilho nos olhos e a vontade de quero mais.

ATÉ BARROCABA, 25 DE ABRIL DE 2013
 QUINTA - FEIRA
 QUANDO CHEGUEI NA SALA AS CRIAN-
 ÇAS VIERAM CORRENDO PERGUNTAR SE
 EU IRIA TOCAR VIOLÃO PARA ELES. NA
 QUARTA FEIRA A KAREN (QUE TRABALHA NO GE-
 RENTE) ME ENTREGOU O VIOLÃO DELA PARA
 EU LEVAR NA FACULDADE PARA ELA E A
 PROF^a PERGUNTOU SE EU TOCAVA E
 "VOCÊ NÃO PODE TRAZER
 PARA TOCAR E AS CRIANÇAS
 ENTÃO DISSE: CANTAREM?" "TUDO BEM!"

Figura 28: Foto da página do meu Livro da Vida produzido durante o Estágio.

"PROF^a VOCÊ SABE TOCAR VIOLÃO?"
 "PROF^a VOCÊ VAI TOCAR PARA GENTE"
 "VOU SIM. QUANDO A PROF^a DEIXAR"
 "SABIA QUE EU TOCO GUITARRA
 BATERIA?" "VERDADE? QUE LEGAL!"
 "VOU PEDIR PARA O MEU PAI
 DAR UM VIOLÃO. É DIFÍCIL DE APRE-
 NDER?" "LEGAL. NÃO É DIFÍCIL, É SÓ VOCÊ
 TREINAR BASTANTE"
 QUANDO CONSEGUI CHEGAR NO MEU
 LUGAR OS ALUNOS INICIARAM O CABEÇALHE

Figura 29: Foto da página do meu Livro da Vida produzido durante o Estágio.



Figura 30: Momento de intervenção realizado no Estágio Supervisionado Obrigatório.

4.4 Aprender cantando

Dentre as entrevistadas, duas citaram a importância da música desde o nascimento. Para Silvia “é muito importante a música, pra tudo, desde a barriguinha, desde quando você é bebê” e Taís comenta: “eu gosto muito de música Dani, na realidade eu gosto em todas as partes, eu acho que desde um bebezinho a música é muito importante porque acalma muito.”. Ávila e Silva (2003) dizem que a educação musical da criança inicia-se antes de seu nascimento, desde o momento em que é gerada.

De acordo com Correia (2010, p. 135):

no útero materno, convivemos um bom período ouvindo as batidas do coração, assim como a respiração dos nossos pulmões e os movimentos mais delicados do nosso metabolismo, juntamente com os ciclos cerebrais. Portanto, o ser humano é sensível à música e todos podem desenvolver esses dotes em si mesmos e nos seus semelhantes.

Se desde a gravidez de nossas mães já existe o nosso contato com os sons e músicas, não deve acontecer um rompimento quando a criança nasce, e muito menos quando a criança passa a ir à escola.

Para Teles (2012) a música deve ser incluída no cotidiano pedagógico, não somente nos momentos de festas promocionais e datas comemorativas, mas sim ser reconhecida e desenvolvida com real importância em relação a outras áreas correlacionadas. A professora Thelma relatou que na escola em que estudou “(..) não tinham muitas atividades dentro da sala de aula relacionada com música. Tinha assim, uma apresentação ou outra e data cívica comemorativa especial e daí a gente tinha que fazer uma apresentação de música ou alguma dança para os professores, daí entrava a música.”. Porém, enquanto docente, procura utilizar a música ligada aos conteúdos de suas disciplinas e apresenta alguns exemplos: “agora, no estudo de História são símbolos nacionais eu utilizei os hinos. Teve um assunto sobre o Nordeste que eu trabalhei Asa Branca com eles. No quarto ano eu tive um assunto sobre o estudo sobre o ar que eu trabalhei Vinicius de Moraes com eles. Então, sempre que eu tenho a oportunidade eu introduzo a música no conteúdo do ETAPA, mas o ETAPA é mais engessado né? Então nem sempre dá pra gente colocar coisa diferenciada.” No período vespertino trabalha em outra escola, e essa, por sua vez não possui sistema apostilado como relatado na primeira escola: “em Votorantim, no 2º ano, eu tenho mais abertura para isso, então sim. É uma escola pública municipal, aí eu trabalho muito a música com eles. Aliás eu alfabetizo através da música. É muito mais fácil alfabetizar uma criança através da música.”. A professora Silvia também acredita que é mais fácil ensinar com a ajuda da música, “é bem mais agradável e eles gostam muito, então é mais fácil trabalhar associando a música ao conteúdo.”.

Segundo a professora Aracelli um fato interessante acontecia em uma outra escola que trabalhou, “a gente colocava Beethoven, Bach, pra eles ouvirem enquanto faziam matemática, e realmente dava certo, eles ficavam quietinhos, eles se concentravam e os erros eram bem menos né? Eram bem menos.”.

Enquanto aluna, quando eu tinha alguma dificuldade em entender algumas matérias eu inventava músicas com o conteúdo ou então pensava em alguma música que já existisse e trocava a letra colocando o conteúdo, fazendo uma paródia. Se algum amigo da escola também estava com dificuldade eu ensinava a música pra ele também. Para mim, sempre foi mais fácil utilizar a música como instrumento de aprendizagem. Alguns professores que tive também nos passavam músicas para entendermos melhor a matéria, e até hoje lembro algumas dessas músicas.

4.5 O ensino de música nos anos iniciais do Ensino Fundamental: experiências

Uma questão relevante que chamou atenção nos contextos estudados é de que apesar de a música ter uma grande importância na vida do ser humano, há ocasiões em que ela é deixada de lado conforme os anos vão passando. Tive oportunidade de perceber tal fato principalmente no âmbito da escolarização, durante os estágios que realizei enquanto estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia (Estágios obrigatórios na Educação Infantil e no Ensino Fundamental). Observei que na Educação Infantil a música estava sempre presente na rotina de atividades, mas a partir do momento em que a criança passa para o Ensino Fundamental, notei que a música foi esquecida e apenas os conteúdos pedagógicos eram enfatizados. No entanto, Peery (2006, p. 463) chama atenção para a importância da formação em educação musical:

...dado o envolvimento universal da música na vida das crianças, é surpreendente que tão pouca atenção tenha sido dedicada ao desenvolvimento de uma visão sistemática do papel e do significado da música na infância (...) a música é importante por mérito próprio. São muitos os que vêm valor em dar formação, expor e aculturar crianças à música, porque a música é uma parte boa e desejável da vida e uma das coisas belas da cultura humana, (...) o desenvolvimento de competências musicais pode trazer benefícios que são extensivos a outras categorias da competência pessoal e social.

Ao tratar do ensino da música na atualidade Correia (2010, p. 137) diz que a música:

vem sofrendo muitos cortes nos programas educacionais, geralmente é a primeira a ser eliminada e quando não, enfrenta cortes no orçamento. As pessoas que propõem a volta às bases, também eliminam a educação musical em vários estabelecimentos para transferir suas atividades para a leitura, aritmética e às ciências. Ironicamente, acredita-se que a música seja um excelente veículo para desenvolver essas qualidades.

Ao perguntar às professoras se a música ainda é ignorada em alguns contextos escolares 8 das 10 professoras acreditam que a resposta é afirmativa. Para a professora Gisele a música “às vezes é ignorada sim, e aí vem aquela fala né: “não tem tempo de trabalhar na sala de aula, não dá tempo, tenho que dar conteúdo e tal” sendo que ela pode ser ligada junto com o conteúdo.”, a professora Cacilda também acredita que a música é ignorada no contexto escolar “Ah com certeza né? Eu acho que tem educador que não acredita nisso, quanto mais a instituição. Porque na verdade a instituição em si conta pouco, o que conta mais é o educador que tá na sala de aula, então se ele diversifica, se ele acredita... Eu acho importante, mas tem uns que ainda não utilizam”.

Foi o que percebi no estágio na rede municipal de Sorocaba. O ensino da música foi deixado de lado para reforçar ainda mais o ensino da matemática, português e ciências, sendo que poderia ter uma união de ambas as partes para que a educação fosse completa.

4.6 Práticas docentes interdisciplinares e o uso da música.

Ao perguntar sobre como os alunos reagem diante das ações pedagógicas unindo conteúdos das disciplinas com o uso da música a professora Cacilda relatou que “tem conteúdo que eles mal assimilam, você põe música e na hora eles aprendem. Tabuada com música eu gosto de trabalhar, eles aprendem bem mais fácil. Eles gostam muito.”. De acordo com Jordão (2012) para ensinar matemática e leitura às crianças e jovens os jesuítas utilizavam a música e instrumentos de corda e sopro. No colégio em que a professora Cacilda trabalha é oferecido na aula de música o ensino de flauta doce desde o 1º ano do Ensino Fundamental ao 5º ano deste mesmo ciclo (Figura 31, 32 e 33) e de outros instrumentos de percussão (Figura 34). Posso então entender que o que Jordão (2012) relata sobre o ensino dos jesuítas ainda é utilizado em alguns ambientes escolares já que para a aprendizagem de matemática são utilizadas a música e o ensino da flauta. Teles (2012, p. 3) afirma que:

a música ao ser praticada, seja aprendendo um instrumento musical ou pela simples audição como forma de apreciar uma melodia, reforça a aprendizagem cognitiva, favorece o desenvolvimento afetivo, amplia atividades do cérebro, melhora o desempenho escola e contribui para integrá-lo socialmente.

Ao tratar da questão da flauta oferecida como forma de trabalho na aula de música a professora Gisele afirma que com a utilização deste instrumento “eles acionam vários mecanismos, eles tem que prestar atenção nela (na professora), a coordenação motora fina para tampar o buraquinho da flauta, assoprar na velocidade correta senão ela apita, então existe um monte de funções ali da criança, então ela fica mais atenta, automaticamente fica mais atenta na minha aula, na minha explicação”. A professora Taís também acredita que uso da música e da aprendizagem da flauta contribuem para o ensino de suas disciplinas “a respiração, a concentração, o falar corretamente pra você poder cantar e de repente usar os instrumentos... isso me ajuda muito em sala de aula.”.

A professora de música Luciane diz que “existem muitas formas de se trabalhar a musicalização, e aí a educação musical que eu faço lá é através do ensino da flauta doce. Ela vem complementar, é a musicalização que veio da educação infantil quando trabalha-se ritmo, trabalha pulso, trabalha célula rítmica, trabalha várias coisas, e aí quando ele chega no primeiro ano eu tenho a possibilidade de desenvolver a capacidade que seria então a habilidade no manuseio da flauta. E aí qual é o meu objetivo? É obter uma boa sonoridade, já que a flauta é um instrumento delicado, e trabalhar a parte de conjunto, que eu acho que é importante. O aluno chega no primeiro ano pra desenvolver esse manuseio da flauta, a habilidade, e o meu objetivo é trabalhar a sonoridade do instrumento, a parte motora da criança, pra melhorar inclusive essa parte de mãos na parte da escrita e também trabalhar a parte de conjunto porque a medida que eles vão aprendendo a flauta, eu trabalho com várias vozes e é como se fosse um quebra-cabeça. Cada turma tem uma voz e depois nós juntamos essas vozes e esse trabalho de conjunto eu vou acabando por priorizar o desenvolvimento do auditivo, porque você ouve uma coisa e tem que se concentrar naquilo que você tem que tocar, então o que eu ganho trabalhando em conjunto, fora assim todo trabalho social da criança com os amigos, eu trabalho a parte auditiva, de como se trabalhar com músicas polifônicas, porque são notas diferentes que cada grupo faz.”. Portanto assim como para Jordão (2012), a professora Luciane utiliza o ensino de instrumentos musicais, no caso a flauta, para contribuir em outras partes da aprendizagem do aluno. Acredito que o ensino da flauta seja de suma importância e que realmente ajude na aprendizagem de outros conteúdos.



Figura 31: Foto da aula de música do 1º ano do Ensino Fundamental – iniciação do ensino da flauta doce.
Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 32: Foto da aula de música do 5º ano do Ensino Fundamental. Foto fornecida pela professora
Luciane Nagy Cação.



Figura 33: Foto apresentação do Ensino Fundamental – 1º a 5º ano – Orquestra de flautas (2 vozes). Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.



Figura 34: Foto da apresentação da bandinha rítmica do Ensino Fundamental. Foto fornecida pela professora Luciane Nagy Cação.

Perguntei para as professoras sobre o gosto musical dos alunos e a professora Gisele comentou sobre a simpatia dos alunos com o *funk* “Então, tá bem complicado esse gosto, porque assim, os pais tem um gosto complicado, que tem aí solto hoje em dia o *funk*, mais ligado à erotização, eles cantam muito essa música, (...)”

mas precisava ser uma parceria, família/escola. Então a gente apresenta uma boa música só que em casa muitas vezes não tem, porque eles trazem muitas vezes um repertório pobre de música.”. Para Ostetto (2003) o gosto musical “pode ampliar-se na experimentação e no diálogo com outras sonoridades, outras composições, uma vez que estejam disponíveis cardápios que incluam diversos gêneros musicais.” A professora Thelma também acredita que a criança adquire o gosto musical semelhante ao dos pais e que percebe uma diferença da preferência musical da escola particular e pública, “eu percebo que a clientela lá do municipal adora o *funk*. Então assim, as músicas mais populares eu percebo lá no municipal e aqui eles tem uma qualidade mais eclética, música infantil. Aqui várias crianças, não é uma, são várias, não gostam de *funk*. Então assim, pelo convívio com a família mesmo.”.

Quando perguntei sobre o gosto musical dos alunos da professora Taís ela me disse: “eu tenho uma boa parte da sala que gosta de música de criança mesmo, música infantil, eu tenho outra parte da sala que... eles tão no primeiro ano né? Então eles ficam muito com os pais... por incrível que pareça eles falam que gostam de música sertaneja (...) tem criança ainda que gosta assim de música da Xuxa, Galinha Pintadinha... músicas assim... mais infantil, tem outras que não. Tem aluno, que nem a Helô, ela gosta de música, mas ela gosta muito mais do som, do instrumental, do som do teclado, de um pandeiro tocando, uma flauta, do que a música com voz. Tem outras que não tão nem aí. A Rebeca, por exemplo, tanto faz, ela não se importa assim “eu gosto mais dessa ou mais da outra”. Na aula de música da Lu ela mostra todos os tipos de música, sabe? Ela mostra umas músicas diferentes, umas músicas muito legais que ela passa e eles gostam muito, eles apreciam muito esse tipo de música diferente que a Lu traz. Eu acho assim que eles tão aprendendo a gostar de algumas coisas diferentes. Apesar que alguns já vem de casa falando “eu gosto disso”. Que nem a Rebeca um dia chegou cantando uma música de RAP que eu nunca ouvi na vida (...) Eu consigo perceber de cada um o que cada um gosta. Mas eu tenho uma boa parte ainda que gosta de música bem infantil sabe? Patati Patata, eles gostam... às vezes eles não falam que gostam porque o outro vai tirar sarro, mas eles ainda gostam dessas músicas infantis, dessas músicas que cantam na Educação Infantil.”.

Para a professora de música, Luciane, “o primeiro contato musical delas tem a ver com a família. A família é o primeiro contato, seja social, seja cultural e aí é comum as crianças ouvirem o que os pais ouvem e eles por um certo tempo carregam esse gosto musical como sendo deles, mas depois com o tempo as crianças vão

definindo suas personalidades e caminhando, vamos dizer, pro gosto musical. Agora os pais, hoje em dia, eles tem o gosto musical que é o que a mídia propõe. Se o pai e a mãe não tem o hábito ou uma preocupação, vamos dizer assim, de apresentar outras possibilidades para os filhos ou pior ainda, não se preocupa se o filho está tendo acesso a uma música... porque cultura, todo tipo de música que é apresentado, seja via rádio, televisão.. é cultura, mas é lógico que tem vários tipos de cultura e muitas culturas que não são por exemplo a nossa realidade.”

De acordo com LeBlanc (1987) a preferência musical humana pode ser encontrada através de três hipóteses. A primeira é a formação musical ou a repetição de um determinado tipo de música, a segunda é que as crianças moldam seu gosto musical de acordo com a preferência de pessoas que têm importância em suas vidas (pais, professores, adultos) e por último o estilo da música e o meio de execução. Portanto concordo com a professora quando ela relata que as crianças costumam gostar do que escutam em casa, afinal os pais normalmente são os exemplos a serem seguidos pelas crianças e se eles gostam de algum tipo de música e não apresentam outros estilos musicais para seus filhos acaba acontecendo dos filhos reproduzirem esse estilo musical por não conhecer outros. Por esse motivo acredito que seja necessário na escola mostrar outros modos de música para as crianças, para que elas expandam seus gostos musicais.

Como foi citado no Capítulo I, Jeandot (1997) fala da importância do movimento unido a música. O colégio em que a professora Karen trabalha é católico e é feita a oração diariamente e nesse momento as professoras costumam cantar com seus alunos também, Karen me relatou que “a gente faz a oração e sempre também canta uma música e eles adoram, que a gente faz gestos, gesticula, tem as coreografias, então todos os dias no mínimo duas músicas a gente canta.”. A professora Taís também comenta sobre esse momento da oração e das músicas e dá exemplos de alguns alunos de sua turma que eram muito tímidos e hoje, com o auxílio da música, estão menos vergonhosos, “E eu vi assim, eu tinha uns quatro, cinco bem tímidos, que não gostavam disso, não gostavam de contar história, não gostavam de cantar, não gostavam desse momento assim de fazer movimentos com a música. Até quando eu rezava em sala de aula, tem dia que eu rezo o Pai Nosso e a Ave-Maria, mas tem dia que em vez de rezar eu canto as músicas que a gente cantava na oração sabe? Santo Anjo, as músicas de Deus e tem aqueles movimentos, aqueles gestos que tem que fazer e eles nossa, queriam morrer. Hoje em dia não, porque foi uma coisa tão assim cotidiana, uma coisa sem pre da nossa rotina que eles foram se soltando aos poucos. Hoje em dia a Heloísa dança em

sala de aula, o Guilherme que era super tímido, hoje em dia ele faz aquele movimento que ele não fazia.”

De acordo com a professora especialista em música, Luciane “a Educação Musical, hoje em dia é até falado do quanto ela beneficia. E eu acho assim que ela facilita desde a parte psicomotora, trabalhando o aluno como um todo: corpo, tonicidade e ele tendo consciência do corpo, da lateralidade dele, ele pode também se situar melhor no espaço, na sala de aula, e ele vai ter, vamos dizer, domínio ou entendimento na questão de tempo, ritmo, coordenar melhor.” E para a professora de primeiro ano Taís Kain as aulas de música contribuem em suas aulas: “eu acho assim que tem coisas que de repente a Lu faz com eles que eu vou fazer em sala de aula, por exemplo, esse negócio que eu coloco a minha música que tem o momento da pausa, tem um momento que tem um som grave, um som agudo... eles percebem muito isso, eles falam “Tia, é aquele som que nós fizemos na aula da tia Lu!”, “Tia é o som tal”. Porque na aula da Lu eles estão fazendo muito aula de flauta, então na aula da flauta tem que ter uma concentração gigantesca porque não é fácil flauta. Eu não consigo tocar flauta, e eu já tentei e não consigo, eu não tenho paciência para aquele instrumento. E eles precisam de uma certa concentração um certo cuidado, respeito com o outro também, porque se eu não ficar quieto o outro não faz e tudo isso influencia na minha sala.” De acordo com Petraglia (2012) o processo de musicalização é composto pelo desenvolvimento vocal, rítmico-motor, auditivo, instrumental, pela prática musical, pelo processo criativo, dentre outros aspectos. É possível perceber pelo depoimento das professoras que o que Petraglia (2012) afirma é verídico. Teles (2012) diz que o professor pode estimular seus alunos a ouvir os sons e depois de um tempo desenvolver o senso crítico e escolher o que gosta ou não. Acredito que quando existe o oferecimento de outros estilos musicais a criança passa a ser mais seletiva e mostrar quais estilos a agradam mais.



Figura 35: Foto da aula de música - cantos com expressão corporal. Foto fornecida pela professora LucianeNagy Cação.

4.7 A importância da formação do pedagogo no ensino da música

Ao perguntar para as professoras sobre a formação musical na graduação tive como respostas: 2 tiveram alguns conteúdos envolvendo a educação musical no Magistério, 1 teve a música ligada a outros conteúdos na faculdade, 6 nunca tiveram contato com a educação musical na faculdade. Portanto nenhuma das professoras teve alguma disciplina voltada especificamente para o ensino da música na universidade, apenas no Magistério ou então uma leve ligação com algum conteúdo. Em relação a cursos de pós-graduação ou formação em música 4 das professoras realizaram e 5 nunca realizaram cursos envolvendo a educação musical.

Para a professora Gisele “o currículo da Pedagogia ou de outras áreas didáticas teriam que ser reformulados. O professor deveria sim saber utilizar a sua voz, automaticamente ia saber trabalhar com a música né?”. Como foi dito no Capítulo I deste trabalho, de acordo com Henriques (2011, p. 29):

é preciso buscar parceiros para o desenvolvimento da educação musical na Educação Básica do País. O profissional que poderia atuar constantemente no desenvolvimento musical de seus alunos, é o pedagogo que atua nas séries iniciais do Ensino Básico (Educação Infantil e Fundamental I).

Assim como a professora Gisele, acredito que nos cursos de graduação deveria existir um contato maior com a música, tanto com a parte teórica quanto com a

prática, com oficinas, músicas de roda, músicas ligadas ao movimento do corpo, brincadeiras, entre outras maneiras de abordagem musical. Na maior parte das vezes existe uma carência nas escolas exatamente pela falta de conhecimento dos profissionais que lá trabalham e este fato poderia mudar com uma melhor formação dos professores neste âmbito.

Traverzim e Henriques (2014) realizaram um levantamento sobre a presença da música em disciplinas de Arte nos cursos de Pedagogia de nosso país e identificaram uma pequena representatividade da linguagem musical nos cursos de Pedagogia do Brasil, bem como uma fragilidade da música em relação às demais áreas do conhecimento e em relação à própria área de Arte. Observaram também incoerências entre as ementas e bibliografias dos cursos de Pedagogia brasileiros no que diz respeito à presença da música. Portanto, as autoras afirmam que há um espaço apenas potencial da música nos cursos de Pedagogia.

As autoras identificaram também que as ementas e bibliografias apresentam uma grande variedade de concepções de ensino de arte e música e trazem à tona a questão da valorização da visão teórica, que não privilegia e nem se equilibra com a prática, a vivência, o fazer artístico – fruição e apreciação.

Por outro lado, apesar da presença inexpressiva e frágil da música nos cursos pesquisados, Traverzim e Henriques (2014) consideram válido ressaltar as experiências bem-sucedidas, que podem servir de inspiração para os demais cursos de Pedagogia brasileiros.

Assim como Bellochio (2003), Diniz e Joly (2007) também destacam a importância da música na formação de pedagogos como forma de propiciar um desenvolvimento geral da criança e fortalecer o prazer do contato com a arte, a cultura e a alegria da aprendizagem por meio do jogo. Estas autoras afirmam que a formação inicial é apenas um dos momentos do processo formativo do educador, “não significando um momento único e supremo, como queriam os adeptos da racionalidade técnica” (DINIZ e JOLY, 2007, p. 72), porém representa uma fase essencial e de suma importância para capacitar o docente em saberes teóricos e práticos.

Por isso entendem que o conhecimento musical adquirido neste momento deve ter continuidade, sendo permeado pelas mudanças sociais e pelos avanços tecnológicos e científicos. Essa formação cultural e estética deve ser, portanto, um processo permanente. Acredito, assim, que a formação musical no curso de graduação em Pedagogia seja muito importante para fornecer um embasamento pedagógico inicial,

capacitando os educadores a conhecerem a relevância da linguagem musical no desenvolvimento integral das crianças e para que tenham pistas de como trabalhar com músicas em suas salas de aula, de acordo com as variadas faixas etárias. Mas este conhecimento não é suficiente, como mencionam Diniz e Joly (2007), sendo necessária a busca por aperfeiçoamentos, parcerias com professores especialistas em música e trocas sobre metodologias, teorias e práticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Durante o período de Estágio Curricular Obrigatório nos anos iniciais do Ensino Fundamental percebi que a música não esteve muito presente no cotidiano das crianças e, por ser fortemente ligada à música durante toda a minha vida, essa questão me inquietou.

Este trabalho teve como proposta responder a seguinte questão: por que a música ainda é ignorada em alguns contextos escolares como componente importante da formação cultural das crianças? E desta pergunta se desdobraram outras como: quais são as possíveis contribuições da música no desenvolvimento das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Como a música está inserida nas vidas das crianças fora desta escola? Como tem sido feita a formação musical de educadores do Ensino Fundamental de modo que sejam capazes – ou não – de trabalhar com a dimensão musical em seus projetos pedagógicos? E para respondê-la foram feitas uma pesquisa bibliográfica e a constituição de um grupo de professoras que estão em contato com crianças deste segmento de ensino.

Tendo como base os autores relacionados a essa questão e as respostas das professoras, pude perceber que a música tem muita importância no desenvolvimento cognitivo, social, lúdico e criativo das crianças.

Muitas vezes a música é ignorada em ambientes escolares justamente pelo fato de não se ter na universidade uma formação voltada à música para os futuros docentes. Sendo assim acredito ser necessária a mudança dos currículos dos cursos de Pedagogia para que os educadores saiam da universidade com a capacidade de trabalhar a música no Ensino Básico de forma significativa e prazerosa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C.M.C. **Concepções e práticas artísticas na escola**. In: FERREIRA, S. (Org.). O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas-SP: Papyrus, 2001.

ÁVILA, Marli Batista. SILVA, Karen Batista Ávila. **A música na educação infantil**. In: DIAS, Maria Celia Moraes; NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (Orgs). Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância. Campinas, SP: Papyrus, 2003, p. 75-93.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **Educação Musical e professores dos anos iniciais de escolarização: formação inicial e práticas educativas**. In: Hentschke, L. e Del Ben, L. Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003, p. 127-140.

BELLOCHIO, Cláudia R. Formação musical de professores na Pedagogia: pressupostos e projetos em realização na UFSM/RS. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 12., 2003, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Abem, 2003. 1 CD-ROM.

BRASIL. Câmara. Senado. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. LEI Nº 4020 de 20 de dezembro de 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Câmara. Senado. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. LEI Nº 5692 de 11 de agosto de 1971. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

BRASIL. Câmara. Senado. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. LEI Nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Câmara. Senado. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. LEI Nº 11.769 de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

BRITO, Teça de Alencar. **Música na Educação Infantil: propostas para formação integral da Criança**. Editora Peirópolis, São Paulo, 2003. 143p.

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce.; DICKINSON, Dee. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas: inteligências múltiplas na sala de aula**. Tradução: Magda França Lopes. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. Instituto Psicologia USP – LB1051 C188t

CARMO JR., José Roberto do. A voz: entre a palavra e a melodia. *Revista de literatura brasileira*, 4/5. São Paulo, 2004.

Carta de São Bernardo. Encontro Acadêmico da Região Sudeste “Interdisciplinaridade: Ampliando Fronteiras do Saber”, UFABC *campus* São Bernardo do Campo, 13/11/2013.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006. 144p.

CORREIA, Marcos Antonio. **A função didático-pedagógica da linguagem musical**: uma possibilidade na educação. *Educ. rev.*, 2010, nº.36, p.127-145.

DINIZ, Juliane Aparecida Ribeiro e JOLY, Ilza Zenker Leme. **Um estudo sobre a formação musical de três professoras**: o papel e a importância da música nos cursos de Pedagogia. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 16, mar/2007, p. 65-73.

DUARTE, Mônica de Almeida and MAZZOTTI, Tarso Bonilha. **Representações sociais da música: aliadas ou limites do desenvolvimento das práticas pedagógicas em música?**. *Educ. Soc.*, Dez 2006, vol.27, no.97, p.1283-1295. ISSN 0101-7330

EUGENIO, Mayra Lopes, ESCALDA, Júlia and LEMOS, Stela Maris Aguiar **Desenvolvimento cognitivo, auditivo e linguístico em crianças expostas à música: produção de conhecimento nacional e internacional**. *Rev. CEFAC*, Out 2012, vol.14, no.5, p.992-1003. ISSN 1516-1846

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1989. V. 01. 174 p.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade – Um Projeto Em Parceria*. 6. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1991. V. 13 Coleção Educar. 119 p.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia*. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011(1979). 173 p.

FERES, Josette Silveira Mello. **Bebê: música e movimento: orientação para musicalização infantil**. Jundiaí, S.P.: J.S.M. Feres, 1998

GALIZIA, Fernando Stanzone. **O pedagogo e o ensino de música nas escolas**. São Carlos: Edusfcar, 2013. 47 p.

HENRIQUES, Wasti Silvério Ciszewski. *A educação musical em cursos de pedagogia do Estado de São Paulo*

JORDÃO, Gisele et al (Coords.). *A música na escola*. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARTINS, Marcos Francisco; GROPPPO, Luís Antonio. **Introdução à Pesquisa em Educação**. 2. ed. Campinas/americana: Biscalchin Editor, 2007. 128 p.

LEBLANC, A (1987). The development of music preference in children. In J. C. Peery; I. W. Peery, & T. W. Draper (Eds.), *Music and Child Development* (pp. 137-157). Nova Iorque: Springer-Verlag

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **“Mas as crianças gostam!” Ou sobre gostos e repertórios musicais**. In: Ostetto, Luciana Esmeralda; Leite, Maria Isabel. (Orgs.) *Arte, Infância e Formação de Professores: autoria e transgressão*. Campinas: Papirus, 2003. p. 41-60.

PERRY, J.Craig; A música na educação de infância. in SPODEK, Bernard. (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*; (pp.461 -492) serviço de educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa;

PETRAGLIA, Marcelo S. Educação musical: da impressão à expressão. In: BRASIL. Ministério da Cultura e Vale. *A música na escola*. São Paulo, 2012.

QUEIROZ, M.I.P. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.

SPECHT, Ana Cláudia; BUNDCHEN, Denise Sant’Anna. A atividade de apreciação na construção do cantar. In: Beyer, Esther; Kebach, Patrícia (orgs). Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

SWANWICK, K. *Music, mind and education*. London: Routledge, 1988.

TELES, Belmira Rosângela Schimitz. **A importância do ato de cantar para o desenvolvimento integral da criança**. 2012. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/14131/a-importancia-do-ato-de-cantar-para-o-desenvolvimento-integral-da-crianca#!4>>. Acesso em: 29 out. 2014.

TRAVERZIM, Monique e HENRIQUES, Wasti Ciszewski. **Música nos cursos de Pedagogia das IES brasileiras: panorama, desafios e possibilidades**. Anais do II Congresso Internacional da Federação dos Arte/Educadores e do XXIV Congresso Nacional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil. Tema – “Arte/Educação Contemporânea: Metamorfoses e narrativas do ensinar e aprender”. UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR.

ZANON, Sebastião Reis Teixeira e PEDROSA, Andressa Teixeira. **Interdisciplinaridade e educação**. Cadernos do CNLF, Vol. XVIII, Nº 07 Fonética, Fonologia, Ortografia e Política Linguística e de Ensino. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014, p. 133-144.

APÊNDICE A

Títulos encontrados na fase de levantamento bibliográfico.

1) Títulos encontrados na SCIELO - *Scientific Electronic Library Online*.

a) Para o descriptor “Educação Musical” (04):

TEIXEIRA, João Gabriel L. C. **A Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello de Brasília: um estudo de caso de preservação musical bem-sucedida.** *Soc. Estado*, Abr 2008, vol.23, no.1, p.15-50. ISSN 0102-6992

PEREIRA, Eugênio Tadeu et al. **Música e infância no rádio: o programa *Serelepe* na Rádio UFMG - Educativa.** *Per musi*, Dez 2010, no.22, p.150-156. ISSN 1517-7599

BUENO, Paula Alexandra Reis, Costa, Rosa Maria Cardoso Dalla and Bueno, Roberto Eduardo **A educomunicação na educação musical e seu impacto na cultura escolar.** *Educ. Pesqui.*, Jun 2013, vol.39, no.2, p.493-507. ISSN 1517-9702

BEINEKE, Viviane. **A reflexão sobre a prática na pesquisa e formação do professor de música.** *Cad. Pesqui.*, Abr 2012, vol.42, no.145, p.180-203. ISSN 0100-1574

b) Para o descriptor “Educação and musical” (29):

BARROS, Camila Monteiro de and CAFÉ, Lígia Maria Arruda **The relevance of music information representation metadata from the perspective of expert users.** *Transinformação*, Dec 2013, vol.25, no.3, p.213-223. ISSN 0103-3786

TEIXEIRA, João Gabriel L. C. **A Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello de Brasília: um estudo de caso de preservação musical bem-sucedida.** *Soc. estado.*, Abr 2008, vol.23, no.1, p.15-50. ISSN 0102-6992

BERGOLD, Leila Brito, ALVIM, Neide Aparecida Titonelli and CABRAL, Ivone Evangelista **O lugar da música no espaço do cuidado terapêutico: sensibilizando enfermeiros com a dinâmica musical.** *Texto contexto - enferm.*, Jun 2006, vol.15, no.2, p.262-269. ISSN 0104-0707

TABARRO, Camila Sotilo et al. **Efeito da música no trabalho de parto e no recém-nascido.** *Rev. esc. enferm. USP*, Jun 2010, vol.44, no.2, p.445-452. ISSN 0080-6234

EUGENIO, Mayra Lopes, ESCALDA, Júlia and LEMOS, Stela Maris Aguiar **Desenvolvimento cognitivo, auditivo e linguístico em crianças expostas à música: produção de conhecimento nacional e internacional.** *Rev. CEFAC*, Out 2012, vol.14, no.5, p.992-1003. ISSN 1516-1846

POCINHO, Margarida. **Superdotação: conceitos e modelos de diagnóstico e intervenção psicoeducativa.** *Rev. bras. educ. espec.*, Abr 2009, vol.15, no.1, p.3-14. ISSN 1413-6538

FERREIRA, Michelle Imaculada Otaviani et al. **Avaliação do vocabulário expressivo em crianças surdas usuárias da Língua Brasileira de Sinais.** *Rev. CEFAC*, Fev 2012, vol.14, no.1, p.09-17. ISSN 1516-1846

RODRIGUES, Nathália Sixel and COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade **Influência da audição musical na prática de exercícios físicos por pessoas adultas.** *Rev. bras. educ. fís. esporte*, Mar 2012, vol.26, no.1, p.87-95. ISSN 1807-5509

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** *Rev. Bras. Educ.*, Dez 2003, no.24, p.40-52. ISSN 1413-2478

ARROYO, Margarete. **Pensando a educação musical imaginativamente: uma filosofia da educação musical por Estelle Ruth Jorgensen.** *Per musi*, Jun 2013, no.27, p.231-238. ISSN 1517-7599

SOBREIRA, Silvia. **A disciplinarização do ensino de Música e as contingências do meio escolar.** *Per musi*, Dez 2012, no.26, p.121-127. ISSN 1517-7599

KJAR, David. **The plague, a metal monster, and the wonder of Wanda: in pursuit of the performance style.** *Per musi*, Dec 2011, no.24, p.79-100. ISSN 1517-7599

CERQUEIRA, Daniel Lemos, ZORZAL, Ricieri Carlini and ÁVILA, Guilherme Augusto de **Considerações sobre a aprendizagem da performance musical.** *Per musi*, Dez 2012, no.26, p.94-109. ISSN 1517-7599

NEDER, Álvaro. **O estudo cultural da música popular brasileira: dois problemas e uma contribuição.** *Per musi*, Dez 2010, no.22, p.181-195. ISSN 1517-7599

PEREIRA, Eugênio Tadeu et al. **Música e infância no rádio: o programa Serelepe na Rádio UFMG - Educativa.** *Per musi*, Dez 2010, no.22, p.150-156. ISSN 1517-7599

BRUM, Ceres Karam. **Em busca de um novo horizonte: o encontro de artes e tradição gaúcha e a universalização do tradicionalismo.** *Horiz. antropol.*, Dez 2013, vol.19, no.40, p.311-342. ISSN 0104-7183

FONSECA, Cristiane Costa, VECCHI, Rodrigo Luiz and GAMA, Eliane Florencio **A influência da dança de salão na percepção corporal.** *Motriz: rev. educ. fis.*, Mar 2012, vol.18, no.1, p.200-207. ISSN 1980-6574

BUENO, Paula Alexandra Reis, COSTA, Rosa Maria Cardoso Dalla and BUENO, Roberto Eduardo **A educomunicação na educação musical e seu impacto na cultura escolar.** *Educ. Pesqui.*, Jun 2013, vol.39, no.2, p.493-507. ISSN 1517-9702

DAYRELLI, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude.** *Educ. Pesqui.*, Jun 2002, vol.28, no.1, p.117-136. ISSN 1517-9702

DUARTE, Mônica de Almeida and MAZZOTTI, Tarso Bonilha. **Representações sociais da música: aliadas ou limites do desenvolvimento das práticas pedagógicas em música?.** *Educ. Soc.*, Dez 2006, vol.27, no.97, p.1283-1295. ISSN 0101-7330

CARONE, Iray. **Adorno e a educação musical pelo rádio.** *Educ. Soc.*, Ago 2003, vol.24, no.83, p.477-493. ISSN 0101-7330

CORREIA, Marcos Antonio. **A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação.** *Educ. rev.*, 2010, no.36, p.127-145. ISSN 0104-4060

SILVA, Vinícius Gonçalves Bento da and SOARES, Cássia Baldini **As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia.** *Ciênc. saúde coletiva*, Dez 2004, vol.9, no.4, p.975-985. ISSN 1413-8123

BEINEKE, Viviane. **A reflexão sobre a prática na pesquisa e formação do professor de música.** *Cad. Pesqui.*, Abr 2012, vol.42, no.145, p.180-203. ISSN 0100-1574

PAIS, José Machado. **Artes de musicar e de improvisar na cultura popular.** *Cad. Pesqui.*, Dez 2009, vol.39, no.138, p.747-773. ISSN 0100-1574

DIETZSCH, Mary Julia Martins. **Professoras dialogam com o texto literário.** *Cad. Pesqui.*, Ago 2004, vol.34, no.122, p.359-389. ISSN 0100-1574

LEITE, Edson Rubens da Silva et al. **Estimation of the dynamic elastic properties of wood from *Copaifera langsdorffii* Desf using resonance analysis.** *CERNE*, Mar 2012, vol.18, no.1, p.41-47. ISSN 0104-7760

CASTRO, PC et al. **Influência da universidade aberta da terceira idade (UATI) e do programa de revitalização (REVT) sobre a qualidade de vida de adultos de meia-idade e idosos.** *Rev. bras. fisioter.*, Dez 2007, vol.11, no.6, p.461-467. ISSN 1413-3555

RAMOS, D., Bueno, J.L.O. and BIGAND, E. **Manipulating Greek musical modes and tempo affects perceived musical emotion in musicians and nonmusicians.** *Braz. J Med Biol Res*, Feb 2011, vol.44, no.2, p.165-172. ISSN 0100-879X

2) Títulos encontrados na Biblioteca virtual da Universidade de São Paulo

a) Para o descriptor “Educação Musical” (06):

CINTRA, Fabio Cardozo de Mello **A musicalidade como arcabouço da cena: caminhos para uma educação musical do teatro.** São Paulo, 2006

ESPERIDIÃO, Neide **Educação Musical e formação de professores: suíte e variações sobre o tema.** São Paulo, 2011

GOHN, Daniel Marcondes **Educação musical à distância: propostas para ensino e aprendizagem de percussão.** São Paulo, 2010

IGAYARA-SOUZA, Suzana Cecília Almeida. **Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre a música na história da educação musical no Brasil (1907-1958).** São Paulo, 2011

LUIZ, Magali Maria Géara **Educação musical na escola pública: em que medida contribui para a formação do cidadão?** São Paulo, 2012

SANTOS, Elias Souza dos **Educação musical escolar em Sergipe: uma análise das práticas da disciplina Canto Orfeônico na Escola Normal de Aracaju (1934-1971).** São Paulo, 2012

APÊNDICE B**MODELO DO CONSENTIMENTO INFORMADO ASSINADO PELAS
PROFESSORAS ENTREVISTADAS****CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, _____
professor(a) do Colégio Santa Escolástica, localizado na Rua Pe. José Manoel Oliveira Libório, 77, Centro, Sorocaba autorizo a utilização das informações por mim fornecidas durante a entrevista realizada por Danielle Maria Pereira Urban Cassettari para fins de pesquisa de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso e futuras publicações nos campos da educação, com orientação da Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi.

Estou ciente de que os dados coletados nesta entrevista serão usados como elementos de análise para a pesquisa sobre o uso da música no Ensino Fundamental, assim como podem vir a ser publicados em futuros trabalhos acadêmicos.

A autora compromete-se a levar ao(à) entrevistado(a) o texto após transcrição da entrevista, análise e finalização.

Sorocaba, _____ de _____ de 2014.

Assinatura educador(a)/professor(a)

APÊNDICE C

MODELO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA USO DE IMAGEM

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____
_____, educador(a)/professor(a) da instituição _____, autorizo a utilização de fotos tiradas durante o período de estágio obrigatório da aluna da UFSCar – *campus* Sorocaba Danielle Maria Pereira Urban Cassettari, R.A. 397318 para fins de pesquisa e publicações no campo da educação, sem identificação das crianças.

Sorocaba, _____ de _____ de 2014.

Assinatura educador(a)/professor(a)

APÊNDICE D
ENTREVISTAS REALIZADAS COM DOCENTES DOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL NA ÍNTEGRA

Memorial:

Nome: Luciane Nagy Cação

Idade (se desejar/permitir): Eu tenho 48 anos

Cidade de nascimento: Eu nasci em Pariquera-Açu, no litoral de São Paulo.

Formação escolar: Eu estudei até o segundo grau em escolas estaduais

Formação acadêmica: Eu fiz Faculdade de Ciências e Letras - Português e Inglês, que hoje é a atual UNISO (Universidade de Sorocaba).

Formação musical: Antes da faculdade eu fiz curso de piano pelo Conservatório Musical João Batista Julião sob orientação da professora Ilza Maria Soares.

Quais são suas memórias em relação à música ao longo de sua infância? Como a música aparecia na sua família, na sua escola, entre os amigos?

A música fazia parte desde pequena porque meu pai, antes de casar, já tocava em orquestra, no tempo em que os bailes eram com orquestra. Aí meu pai casou e as viagens ficaram mais complicadas, e porque ele tocou em banda e em orquestra, na minha casa a gente sempre tinha discos de orquestra, mas meu pai era muito eclético, então, por exemplo, minhas irmãs mais velhas tinham o gosto delas, e minha mãe curtiu muito as músicas dos anos 60. Então eu escutava desde músicas infantis, músicas de orquestras do meu pai, de jovens – que seriam das minhas irmãs mais velhas – seriam rock, e eu achava bonito do meu pai era que toda vez que ele viajava, que era o *long play*, ele sempre trazia um disco. Então assim como tem gente que vai no *shopping* e tem que comprar um livro, o meu pai sempre viajava, ele saía e ele trazia disco. Ele trazia de vários estilos, inclusive samba, mas de preferência mais orquestral, meu pai não gostava assim daqueles cantores mais antigos, e eu não tive o hábito de ouvir, mas assim, sempre músicas mais trabalhadas, com vários instrumentos, e aí porque o papai sabia tocar órgão, não que ele tenha estudado, mas é que ele tocava acordeom também, então ele aprendeu a tocar órgão na igreja, e a gente morava em Pilar do Sul. Eu com cinco anos acompanhava meu pai a missa e eu ficava do lado dele no órgão e ele ficava tocando e eu ficava vendo, e tinha aqueles órgãos antigos que conforme ele tocava abaixavam umas teclas lá no grave automaticamente, dependendo do registro que ele

colocava, e aí eu lembro, eu lembro! Que eu colocava o meu dedinho nessas teclas que abaixavam, fazendo de conta que era eu que estava tocando.

E eu até acredito que eu deveria ser bem boazinha porque pra ficar uma missa inteira do lado do órgão sem precisar de ninguém ficar mandando parar quieta, eu acho que deveria ser bastante boazinha.

Então já naquela época, eu tinha cinco anos, eu já sabia que eu queria tocar, só que eu sabia que não era órgão, eu sabia que era piano e lá na época não tinha uma professora na cidade, então e só fui começar com oito anos, eu já estava morando em outra cidade. Aí eu estudei um pouco com professor particular, aí depois parei porque mudei de novo de cidade (papai trabalhava em banco) e aí com doze anos eu entrei no conservatório.

Então todo esse tempo a música erudita fez parte da minha infância e aí por isso que eu falo que o leque de músicas na minha família era muito variado, tinha desde o samba, música erudita, porque eu estudava, minha família ouvia as coisas que eu tocava, que era, no caso, piano erudito. Mas era bem variado.

Naquela época a gente não tinha por exemplo, a *internet*. É engraçado que na escola e com os amigos ficava pouca referência, a não ser que esses amigos fossem na casa da gente. Eu não tenho recordação assim, por exemplo, de música na escola. Eu tenho recordação, isso bem pequena, no começo, que era mais para as artes do que propriamente pra música, e eu fui mexer com canto eu já era mocinha, com uns onze anos, quando fui fazer Primeira Comunhão. Mas antes disso, onde eu estudava, que nem era em Sorocaba, não havia a oportunidade de se cantar, de se apresentar ou escolas focadas nessa questão de música. Acho que também era cidade pequena, aqui em Sorocaba deveria ser diferente, onde eu morava (eu já morei em Apiaí também que é muito longe daqui é quase no Paraná, a cidade é muito pequena) acho que tinha uma professora de piano e ela ficou doente, então ainda ficou sem ela, gente, foi complicado.

Questões

Há quanto tempo atua no Ensino Fundamental?

Bom, eu sempre trabalhei no conservatório, daí eu comecei a entrar nessa outra área da Pedagogia Musical voltada pro Fundamental foi há 22 anos quando entrei no Santa Escolástica, porque antes eu não tinha trabalhado em escola.

A gente trabalha musicalização em conservatório e ele tem um foco um pouco diferente até porque as salas são menores né?

No Colégio, assim, com salas maiores, a maneira de conduzir a aula tem que ser diferente do que a maneira que eu trabalhava, por exemplo, no conservatório.

Com quais séries/anos trabalha?

Bom do Fundamental eu trabalho do 1º ao 5º ano.

De que maneiras propõem a educação musical em suas aulas?

Existem muitas formas de se trabalhar a musicalização, e aí a educação musical que eu faço lá é através do ensino da flauta doce. Ela vem complementar, é a musicalização que veio da educação infantil quando trabalha-se ritmo, trabalha pulso, trabalha célula rítmica, trabalha várias coisas, e aí quando ele chega no primeiro ano eu tenho a possibilidade de desenvolver a capacidade que seria então a habilidade no manuseio da flauta.

E aí qual é o meu objetivo? É obter uma boa sonoridade, já que a flauta é um instrumento delicado, e trabalhar a parte de conjunto, que eu acho que é importante.

O aluno chega no primeiro ano pra desenvolver esse manuseio da flauta, a habilidade, e o meu objetivo é trabalhar a sonoridade do instrumento, a parte motora da criança, pra melhorar inclusive essa parte de mãos na parte da escrita e também trabalhar a parte de conjunto porque a medida que eles vão aprendendo a flauta, eu trabalho com várias vozes e é como se fosse um quebra-cabeça. Cada turma tem uma voz e depois nós juntamos essas vozes e esse trabalho de conjunto eu vou acabando por priorizar o desenvolvimento do auditivo, porque você ouve uma coisa e tem que se concentrar naquilo que você tem que tocar, então o que eu ganho trabalhando em conjunto, fora assim todo trabalho social da criança com os amigos, eu trabalho a parte auditiva, de como se trabalhar com músicas polifônicas, porque são notas diferentes que cada grupo faz.

Na sua opinião, as aulas específicas de música contribuem de alguma forma para o ensino das demais disciplinas?

Justamente o que eu estava falando da flauta né? Eu acho que a Educação Musical, hoje em dia é até falado do quanto ela beneficia. E eu acho assim que ela facilita desde a parte psicomotora, trabalhando o aluno como um todo: corpo, tonicidade e ele tendo consciência do corpo, da lateralidade dele, ele pode também se situar melhor no espaço, na sala de aula, e ele vai ter, vamos dizer, domínio ou entendimento na questão de

tempo, ritmo, coordenar melhor. Então eu acho que tem tanta coisa! Todas essas perimentações que o aluno vai tendo na aula de música ele acaba abrangendo todas as outras matérias.

É infinito, é muita coisa que beneficia e não estou nem falando da parte neurológica, que é um assunto que eu tenho muita vontade de me aprofundar – o quanto é benéfico o aprendizado de música, até que fala assim “todo aquele que estuda música o cérebro tem um tamanho maior porque o número de sinapses são maiores”, então assim, toda esse desenvolvimento no cérebro eu acredito que vá auxiliar no raciocínio, pra matemática, porque a criança acaba se tornando mais perceptiva harmoniosamente falando, porque a criança tem essa inteligência e muitas vezes o estudo de um instrumento, como antigamente as moças todas tinham que aprender bordar, pintar e tocar piano, e então elas tinham um nível de inteligência também por conta disso.

Você aborda ou já abordou conteúdos de outras disciplinas em suas aulas?

Como eu trabalho também o canto, o conteúdo de algumas disciplinas já passei sim e é até comum as professoras abordarem como uma forma de ajudar musicalmente. As vezes elas não tem prática de trabalhar com música e eu, com menos tempo consigo desenvolver aquela atividade que poderia tomar mais tempo das professoras, aí como eu to na minha área fica mais fácil mesmo.

Que tipo de disciplinas você já usou?

Por exemplo, ciências, a professora Silmara ano passado me pediu pra trabalhar sobre a água e ela tinha na apostila do ETAPA algumas sugestões de música.

Em Língua Portuguesa também, alguns textos que abordavam determinados assuntos que eu poderia aprofundar mais na questão de música. Por exemplo quando eles trabalharam uma música folclórica da região nordeste que eles estavam estudando.

E assim outros que já aconteceram. Normalmente são temas que surgem em sala de aula e a música vem como uma forma de trabalhar mais detalhes sobre aquele tema, normalmente é assim.

Você acredita que a música ainda é ignorada em alguns contextos escolares como componente importante na formação cultural das crianças?

A música tem muitas formas de ser trabalhada e em muitos casos, por falta de conhecimento daqueles que coordenam, ou até uma falta de empatia talvez e até por

falta de profissional pra trabalhar nessa área. Então assim, é um conjunto de coisas, cada caso é um caso, mas eu já vi, por exemplo, caso de lugares que não havia tanta preocupação por desconhecer. Outros é porque até conheciam, sabiam da importância mas não tinham professor qualificado. Aí vem assim, aquele professor que toca violão e é nomeado professor de música, e aí eu tenho um pouco de dó porque assim, é muita coisa pra que uma pessoa assim querer abranger de uma hora pra outra. Eu dou aula há 22 anos no Santa Escolástica mas eu já perdi a conta, eu tenho mais de 30 cursos que eu faço. Ainda que teve uma época que não havia muito. Eu sou do tempo que os primeiros cursos de musicalização eram muito raros. Eu conheci, por exemplo a Thelma Chan e ela trabalhava com musicalização e não tinha material. Dai o que ela fez “vou fazer material”, então ela começou a compor música e aí ela começou a dar curso, e aí eu comecei a fazer curso com ela, mas hoje eu dia só não faz curso quem não quer. É muito fácil, existem muitos pontos, não só em São Paulo, aqui em Jundiaí também tem, e tem como a pessoa ir atrás. E na maioria das vezes, vamos dizer, até os recém-formados em faculdade de música, a formação que é passada na faculdade não é tão dirigida. Então quando você passa a fazer oficinas você tem mais acesso a determinados assuntos. E eu até nem to assim censurando a faculdade de música, eu acho assim, é difícil você abranger, e normalmente quando eu faço curso eu não aproveito 100% do curso, eu faço curso e eu aproveito 30%, 40%. E muitas vezes faço cursos com coisas que eu já vi. Então é perdido? Não, não é, mas uma questão assim... tem que ir atrás.

Talvez se música tivesse que nem aqueles livros de Matemática que você tem: lição 1, lição 2... há 22 anos, eu não tenho o mesmo roteiro, cada ano eu faço um roteiro diferente pra dar aula e isso que faz a necessidade de você ficar pesquisando, de ficar indo atrás. Às vezes eu repito um repertório porque foi muito bacana e é importante pra criança ter acesso, então daí eu repito, mas assim, se eu colocasse numa linha... é ascendente. Tudo que eu venho fazendo nos últimos anos, a cada ano eu vou acrescentando coisas. Não dá pra ser a mesma professora de hoje igual antes. Agora se a pessoa não faz cursos, oficinas, vai ficar sempre na mesma.

Após ter concluído sua formação inicial, você costuma participar de algum processo de formação continuada?

Sim, esse investimento, os professores tem que entender que é um investimento que tem um retorno, fora o prazer de você aprender, as suas aulas ficam mais ricas, então aí vem um retorno imediato.

Então eu invisto em cursos, invisto em instrumentos, invisto em material, livros... Então tem que ser prioridade, porque se a gente não colocar isso, a coisa pode se tornar monótona. Pra quem dá aula também, a pessoa tem que ter estímulo e esse estímulo vai desde ideias nos livros, até cursos, até instrumentos e tudo mais.

O que você observa hoje em dia sobre o gosto musical das crianças com as quais trabalha?

Bom, partindo do princípio de que as crianças, o primeiro contato musical delas tem a ver com a família. A família é o primeiro contato, seja social, seja cultural e aí é comum as crianças ouvirem o que os pais ouvem e eles por um certo tempo carregam esse gosto musical como sendo deles, mas depois com o tempo as crianças vão definindo suas personalidades e caminhando, vamos dizer, pro gosto musical.

Agora os pais, hoje em dia, eles tem o gosto musical que é o que a mídia propõe. Se o pai e a mãe não tem o hábito ou uma preocupação, vamos dizer assim, de apresentar outras possibilidades para os filhos ou pior ainda, não se preocupa se o filho está tendo acesso a uma música... porque cultura, todo tipo de música que é apresentado, seja via rádio, televisão.. é cultura, mas é lógico que tem vários tipos de cultura e muitas culturas que não são por exemplo a nossa realidade. Por exemplo, a minha realidade não é a realidade desses jovens do Rio de Janeiro que por exemplo gostam de *funk*, pra eles o *funk* tem esse sentido da expressão, da dificuldade, da ostentação que eles falam, mas é uma realidade muito diferente da minha cultura.

Então eu, por exemplo, se o meu filho falasse “eu curto *funk*”, eu ia ficar atenta “porque o que que representa essa música?”, “porque que uma criança que não tem essa realidade iria se interessar?”, e aí no caso eu acho assim, as crianças vão ainda pelo modismo.

Você procura utilizar os estilos musicais que fazem parte do cotidiano das crianças?

Bom, na aula de música eu procuro manter um ambiente democrático, respeitando o que as crianças gostam. Procuro argumentar de uma maneira imparcial, por exemplo, se algum cantor que uma criança goste eu não goste muito, eu não falo o gosto da Luciane, eu procuro focar sob a ótica de uma professora de música... o que esse cantor teria que seria mais desfavorável, “olha, esse timbre eu não gosto muito porque eu acho um

pouco anasalado”, então eu argumento, mas eu não desmereço, “olha isso aqui é horrível!”, não, eu não falo isso.

Agora por exemplo, eu passo o que eu entendo dentro do que eu estudei, do que seria um cantor afinado, “olha ela tem uma boa dicção” ou “não tem uma boa dicção”, então eu procuro ser imparcial e aí eu proponho aquilo que eles não tem acesso. Então, por exemplo, se eles não conhecem MPB, eu dou um pouco de MPB... músicas antigas, compositores antigos... então eu procuro não repetir o que tem tão fácil acesso pra eles porque se eles já tem em casa porque que eu vou fazer na sala de aula de novo? Não acho necessário. Eu procuro realmente variar dando a possibilidade de conhecer novos estilos, novos ritmos, novos compositores, pra que eles tenham um pouco mais lá na frente personalidade pra definir “é esse estilo que eu gosto!”

Como as crianças reagem ao ensino da música em suas aulas? É favorecido o diálogo e a partilha de saberes em sua prática?

As crianças recebem bastante estímulo e, partindo do princípio de que algumas não tem esse estímulo em casa, então é comum as crianças verbalizarem “Olha! Nossa, como é legal!”, “Como eu gosto”. Mas assim, de algo pra eu ter um *feed back* bem claro nem sempre ocorre e também não é de forma regular, sistemática, até porque eu não aplico prova, eu não fico fazendo uma avaliação se o que eles atingiram a nível assim de conhecimento, confere com a minha expectativa, mas eu sei que isso é importante e eu tenho que ficar atenta, inclusive eu tenho que manter a motivação do grupo e eu não faço esse tipo de avaliação primeiro por falta de tempo, e segundo porque as crianças menos favorecidas musicalmente, ficariam em desvantagem no caso de prova, nota, e eu acho que esse não seria o maior objetivo. O maior objetivo é despertar, é propor um leque de possibilidades musicais e aí aquelas realmente vão absorvendo aquilo que mais interessarem e aí eu vou atingir o meu maior objetivo que é essa musicalização, que é propor várias formas e mais possibilidades do que elas tem.

Pergunta 1: Quais são suas memórias em relação à música ao longo de sua infância? Como a música aparecia na sua família, na sua escola, entre os amigos?

“Na minha família como eu ficava com minha tia e minha avó pra minha mãe trabalhar, elas cantavam muitas rodas cantadas, eu morava numa rua tranquila onde antigamente

todas as pessoas deixavam os filhos brincarem na rua, então ali a gente cantava muito, fazia roda cantada” – Cíntia

“Na escola a gente não tinha aula de música, a gente chegou a conhecer que eu me lembro na educação infantil, a gente cantava muito, a professora dava muita cantiga de roda e tal, já no Ensino Fundamental a gente não teve mais. Meus irmãos gostavam muito de música MPB, Beatles, eu ouvia muito, então ela não foi tão forte, mas eu só ouvia” – Gisele

“Eu já nasci na música, nasci no dia 22 de novembro, em casa a minha família sempre foi muito musical, o meu pai era dono de um bar dentro de um clube, na época em que não tinha boate nada aqui em Sorocaba, então eram só os clubes, Estrada, o Círculo italiano e Sorocaba Clube então já participava desde as domingueiras e tudo o que tinha. Minha mãe Beatle maníaca e então sempre que eu me lembro dela, colocando a música dos Beatles pra limpar a casa pra qualquer coisa, sempre tinha música em casa, sempre.” – Karen

“A música na minha infância foi ótima porque a minha família gosta muito de música, só que era pro lado do Sertanejo, bem de raiz, aprendi muito com meu pai. Ele cantava pra gente desde pequena, tanto que hoje a gente gosta né? De todas as músicas sertanejas de hoje. Na escola não tinha muito, né? Na escola não tinha muito. Com os amigos, na parte de adolescente, a gente ia mais pra discoteca né? A gente dançava, brincava, não sei quê. Mas na minha família é muito marcada, até hoje, essa parte de raiz aí. Gosto muito.” – Aracelli

“Na minha infância a música sempre esteve presente porque meu pai sempre gostou de música, sempre cantou. Hoje sou casada com um músico então a música me acompanha desde pequena.” – Silvia

“Bom, na minha infância, como eu tenho muitos primos, a gente sempre brincava de roda, de músicas, a minha vó cantava muito, minha mãe também. A gente sempre teve essa mania de brincar e cantar. A gente sempre brincava de casinha, de montar coisas e sempre com música. Eu sempre gostei muito de música.

Com os meus amigos era assim, porque a gente sempre tinha coisas de música, era uma coisa que vinha da minha família, meu vô gostava muito, ele cantava muito música de igreja, sempre tinha alguma coisa de Deus, e fora as músicas que a gente aprendia com ele de igreja a gente começava a procurar outros tipos de música. Eu ia na escola desde pequena, então a gente trocava eu conheço uma música, você conhece outra música, mas assim, em relação a escola eu lembro pouco, eu lembro de músicas assim simples, de baratinha, de aranha, das coisas que a professora ensinava e foi passando pra amigos, pra família. E eu gosto muito de música, então acho que foi por causa disso que a gente acabou cantando na escola, com a família, com os amigos.” - Taís

“Na escola, pouco. Mas a minha família é toda musical, meu pai toca sanfona, ele toca viola, e meus irmãos todos cantam e tocam violão, tudo pra brincar, mas a gente gostava muito, ficava lá na fogueira, na beira da represa cantando, era gostoso. Mas na escola era pouco, os professores quase não tinham esse hábito de trabalhar com música não.” – Cacilda

“A música sempre esteve presente na minha vida. Minha mãe cantava pra mim, minha vó... então a família gostava muito de cantar, e também eu entrei cedo na escola, então a minha memória musical vem da família e da escola. É muito importante e eu tentei passar isso pra minha nova família.” – Daniela

“Bom, eu adorava música, a música sempre fez parte da minha vida. Ontem mesmo eu estava conversando sobre isso com a minha filha que atualmente com 40, 41 anos de idade, depois de tanto tempo de trabalho, agora, neste momento a música não é tão agradável quanto era antigamente. Mas assim, pra mim a música sempre foi muito agradável, de diferentes tipos de ritmo e eu brincava dançando e na adolescência eu curti muito, fez parte das minhas paqueras. Conforme a música, me remete a lembranças agradáveis e desagradáveis do meu passado. Na escola não tinham muitas atividades dentro da sala de aula relacionada com música. Tinha assim, uma apresentação ou outra e data cívica comemorativa especial e daí a gente tinha que fazer uma apresentação de música ou alguma dança para os professores, daí entrava a música.” - Thelma

Pergunta 2: Você teve algum tipo de formação musical durante sua graduação? E fora/além dela?

“Não, formação musical, mas dentro das atividades propostas era sempre desenvolvida alguma coisa.” – Cíntia

“Não. Nas capacitações que a gente faz quando a gente trabalha com material didático eles apresentam pra gente uns CDs, que o material traz, dentro desse CD tem bastante cantigas. As próprias poesias que tem na apostila, eles transformam em música. E fica uma poesia cantada pra você trabalhar porque aí prende mais a atenção da criança, então daí você destaca palavras na poesia, mas aí ela tá cantada.” – Gisele

“Não, não me lembro de aula de música. Não, também não.” – Karen

“Então, na graduação não tive nada. Daí fora dela fiz alguns cursos em outros colégios que trabalhei, que daí teve professora de música, veio orquestras, falar alguma coisa pra gente lidar com a criança. Mas só mesmo uma formação, não teve nada de graduação, nada de diploma, só foi mesmo uma participação da gente.” – Aracelli

“Eu tive aula de musica no ensino fundamental I, na faculdade não. **(E fora/além dela?)** Não.” - Silvia

“Eu fiz dois cursos da Thelma Chan, foi na Educar, se não me engano. Eu tenho dois certificados dela, eu fiz dois cursos, só com ela, mas assim, eu tive contato mesmo com música, com aulas de música, quando eu comecei a trabalhar como professora no Anglo, que foi uma professora maravilhosa, a Taís Garcia, que foi quem me ensinou muito em relação a música, porque ela mostrou nas aulas dela que eu participava... porque antes eu achava assim “Ai, será que vai ser legal?”, sabe uma coisa de começo? Aí depois eu comecei a perceber que a criança pra cantar não precisa ficar sentada. Porque por exemplo assim, tem escolas que colocam a criança sentadinha, “vamos sentar todo mundo?”, não, as aulas de música dessa professora, que eu aprendi muito com ela, ela fazia aulas e ao mesmo tempo movimentos com o corpo, expressões, coisas assim que não era uma aula chata, uma aula assim “Ai, vamos cantar a música da baratinha?”, “Vamos cantar a música da borboletinha?”. Ela dava músicas, ela mostrava

músicas para as crianças e ao mesmo tempo ela movimentava aquele corpo daquela criança que era toda acanhadinha, toda tímida e quando eu via, depois de uns 3 meses, 4 meses eles estavam se soltando, dançando, pulando, coisas que a música estava trazendo isso pra eles.

Então assim, eu fiz dois cursos da Thelma Chan que também eram cursos de música mas assim, com muito movimento, que as músicas dela tem muito movimento, eu tenho os CDs dela, eu gosto muito dela, eu acho que comecei a me encantar muito mais com música em sala de aula por causa dela, porque todas as músicas que eu tenho nos CDs tem alguma coisa a ver com sala de aula, tem alguma coisa a ver com corpo, com pé, cabeça, com tudo né? Então eu vim aprendendo assim aos pouquinhos com essa professora e com os cursos que eu fiz com a Thelma Chan que foram dois.

O contato que eu tive de música foi mais com essa professora mesmo e depois aqui no Santa Escolástica, mas o que eu tive com a professora Taís Garcia foi um aprendizado porque ela me mostrou coisas que eu não imaginava que as crianças pudessem aprender. Por exemplo, minha turma era turminha de maternal, de 3 aninhos, eles aprendiam som grave, som agudo, eles sabiam quando era som grave e som agudo. Às vezes só de tocar o som grave e o som agudo... ela falava assim “O som grave é o som de tal animal, então você tem que se esconder atrás da moita”, “O som agudo é o som do outro animal, então você tem que ir perto da florzinha” . Só ela tocando no teclado aquele som, o grave e o agudo eu percebia que sabe, com aquela audição, aquela coisinha de escutar, de repente eles cantarem alguma coisa tudo certinho, então eu pude perceber que a música também é um grande aprendizado pra eles, porque com a música eles ficavam mais calmos, com a música eu tinha um aluninho autista que ele adorava os momentos de música, ajudava muito, então eu acho que isso que me ajudou na música na sala de aula, no meu ensino com as crianças.

Nunca tive nada de música na faculdade de Pedagogia. Em tive um pouco de música em magistério que eu fiz na OSE, mas não era uma aula específica de música. É que nós tivemos uma época que o trabalho era como se fossem umas micro aulas que nós tínhamos que dar envolvendo ou teatro ou música, então eram coisas que as próprias alunas preparavam e apresentavam para o professor e pra sala de aula e valia nota, então com essas coisas a gente foi aprendendo. A gente foi aprendendo com essas coisinhas com os outros. Um ajudava o outro, de repente teve uma música lá da aranha que antes – eu achei muito legal, no magistério é tudo novo pra gente - de fazer a música da aranha ela teve a ideia de construir uma aranha com as crianças, de papel, como se fosse

um fantochinho e depois, com a música, cantava junto com a aranha, então a gente foi criando vontade de procurar muito mais pra ajudar a criar nas músicas, pra enfeitar, mas eu não tive nada de música nem na faculdade nem no magistério, aula específica, sabe? Eu acho que deveria ter, Educação Infantil e professor... tem que ter.” - Taís

“Não, nenhuma. Depois dela, quando tinha curso na prefeitura... às vezes eles davam curso. E quando eu tinha oportunidade de optar pelo curso eu optava, aí eu fazia. Mas geralmente eles inscrevem e a gente tem que fazer o que eles inscrevem, então tem que contar com a sorte.” – Cacilda

“Não... também não.” – Daniela

“Sim, no Magistério eu tive formação musical, para estudar com as crianças a música, porque estudar a música com as crianças, os instrumentos musicais, cada instrumento musical, a bandinha rítmica, tive no Magistério. Na Pedagogia a abordagem não foi tão aprofundada quanto no Magistério. De música não, fiz outros.” – Thelma

Pergunta 3: Você utiliza músicas em suas aulas? De quais maneiras?

“Sim bastante principalmente português e matemática. Sempre que eu tenho que explicar alguma atividade em matemática eu sempre faço uma melodia, por exemplo, na contagem de número, de 1 à 20, de 20 à 30, então sempre cantalorando para que eles possam memorizar.” – Cíntia

“Sim, que é o que eu falei, como vem no material didático e eles já disponibilizam o CD, então fica muito fácil e já tá a poesia na apostila, às vezes não dá tempo de inserir outro tipo de música, como nas duas escolas que eu trabalho tem a aula extra curricular que é música, a gente fica tranquila da professora trabalhar. Mas é muito importante, prende muito a atenção deles.” – Gisele

“Sempre. Seja uma referência pra alguma coisa, pra lembrar, às vezes vira uma musiquinha as vezes até a gente inventa na hora, um relaxamento quando as crianças estão muito agitadas, até algumas vezes músicas que eu vejo em outras disciplinas de inglês, que eu vejo que é facinho de eles pegarem, eu trago.” - Karen

“Com a turma do primeiro ano sim. Primeiro que já entra na alfabetização, a própria apostila que a gente usa precisa das músicas pra gente trabalhar os textos. E fora a gente trabalha datas comemorativas, quando precisa apresentar alguma coisa pra pai, mãe, a gente vai atrás de um tema pra poder trabalhar com as crianças.” – Aracelli

“Sim às vezes eu utilizo. Conforme a solicitação das apostilas então nós trabalhamos com música.” – Silvia

“Utilizo. No caso, como você está falando do Ensino Fundamental, são as músicas que vem no próprio material mesmo. São músicas que, por exemplo, nós estamos trabalhando a família silábica ou alguma palavra diferente, tem músicas relacionadas com essas atividades.

No meu ponto de vista, essas músicas acrescentam muito pra eles. Que nem, a gente estava ensinando pra eles, no primeiro semestre, a música da Pata Tita, porque foi ensinada a família silábica do P (pa, pe, pi, po, pu) e depois veio a música por causa da pata né? E depois veio ta, te, ti, to, tu. Que fala pra eles pra eles primeiro aprenderem a família silábica do P e depois a família silábica do T (ta, te, ti, to, tu) e depois entra a música logo em seguida e tem tanto a “pata” quanto a “Tita” né? Que é o nome da patinha. E na própria música tem muitas palavras com aquele som, daquelas sílabas, então eu gosto, eu gosto de trabalhar bastante música no Ensino Fundamental e fora essas têm outras músicas também. A gente faz por exemplo na hora da entrada, tem a música de lanche, quando eles gostam, mas as vezes eles enjoam.

No começo nós tínhamos uma música que era a música de cumprimentar o amigo, de um boa tarde, de ter esse momento de abraçar o amigo, então é “boa tarde, como vai você? Meu amigo, como é bom te ver!”, então eles batem palmas, batem as mãos, tal. “Me dê um abraço de amigo no coração”, então essa música faz as crianças terem contato com o outro. E eu falava assim pra eles não podiam escolher sempre o mesmo amigo, tinha que trocar, podia ser menino com menina, menino com menino, menina com menina, mas tinha que estar sempre trocando, porque quando chegasse no final do mês todos teriam que ter abraçado todos os amigos. Daí eu falei assim “Quem quiser abraçar e dar um beijo pode dar”, mas eles não gostam muito, nessa época eles já ficam meio assim né? Então eles davam o abraço numa boa. No começo eu era meio insistente sabe Dani, eu falava “viu, eu posso abraçar você, você pode abraçar a mamãe, o papai, o

avô, é um abraço de amizade, não tem problema”, então eu gosto sabe, além de ensinar eles bastante, faz com que a criança se desenvolva mais, movimento o corpo. Tem as crianças tímidas que elas ficam assim se soltando aos pouquinhos e quando vê eles continuam com a timidez, mas eles se deixam tocar, soltam mais a voz, coisa que antes não acontecia. Antes tinha criança que mal saía som da boca pra cantar, hoje em dia eles já cantam, já gesticulam, já fazem o que tem que fazer, eu gosto de trabalhar música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.” - Taís

“A tarde sim, de manhã já é mais difícil por causa do material e por ser aula de matemática.. só quando dá pra juntar as duas coisas. Mas a tarde sim, geralmente com música ambiente, de sexta feira que tem duas aulas de Arte geralmente a gente trabalha com música. Toda data específica de comemoração faz apresentações, a gente faz, durante o folclore a gente trabalha a regionalidade, então trabalha bastante à tarde.” – Cacilda

“Sim, constantemente. Por exemplo, quando a classe tá muito agitada eu gosto de cantar pra eles, quando a gente está se locomovendo também, sempre assim pra acalmar. Eu gosto da música pra estar alegrando o ambiente e para acalmar as crianças.” – Daniela

“Aqui no sistema ETAPA, de vez em quando. Por exemplo, agora, no estudo de História são símbolos nacionais eu utilizei os hinos. Teve um assunto sobre o Nordeste que eu trabalhei Asa Branca com eles. No quarto ano eu tive um assunto sobre o estudo sobre o ar que eu trabalhei Vinicius de Moraes com eles. Então, sempre que eu tenho a oportunidade eu introduzo a música no conteúdo do ETAPA, mas o ETAPA é mais engessado né? Então nem sempre dá pra gente colocar coisa diferenciada.

Em Votorantim, no 2º ano, eu tenho mais abertura para isso, então sim. É uma escola pública municipal, aí eu trabalho muito a música com eles. Aliás eu alfabetizo através da música. É muito mais fácil alfabetizar uma criança através da música.” – Thelma

Pergunta 4: Como seus alunos reagem diante destas ações pedagógicas unindo conteúdos de sua disciplina com o uso da música?

“Eles adoram porque isso é uma forma de trazer os alunos ao interesse da disciplina e com isso eles aprendem brincando. Eles aprendendo brincando, a memorização e o

interesse é muito maior e eles acabam levando isso pra casa e acontece na casa também.” – Cíntia

“É muito mais significativo. Porque a música prende a atenção das crianças, ela fica ligada no que vai falar a música, já levanta pra dançar, mas lógico que tem que direcionar: “Agora vamos ouvir a música, depois vamos dançar”, “agora vamos ouvir só a melodia”, porque é importante também que eles percebam o instrumento que tá sendo tocado. Então tem uma série de fatores antes de você estudar a letra da música. Eles tem que perceber o instrumento... mas é muito importante.” - Gisele

“Eles amam, ate porque junto, eu filmo, tem que ser um flash né Dani, você sabe que tem que ser um show (risos), então eles ficam super empolgados, eles querem fazer.. todo dia a gente faz a oração em sala quando a gente chega, por ser um colégio católico, eu trabalho no Santa Escolástica, e aí a gente faz a oração e sempre também canta uma música e eles adoram, que a gente faz gestos, gesticula, tem as coreografias então todos os dias no mínimo duas músicas a gente canta.” – Karen

“Eles gostam muito, gostam muito porque daí tem a historinha, junto tem a música e eles já batendo na mesa, eles cantam bastante... eles gostam sim, interagem bastante.” – Aracelli

“É bem mais agradável e eles gostam muito, então é mais fácil trabalhar associando a música ao conteúdo.” – Silvia

“Foi o que eu comentei com você, a cada atividade nova que entra na parte de Português, eles esperam uma música. Então, por exemplo, agora vai trabalhar “final de tarde”, só que antes do final da tarde, veio a música do “pé”, daí falava assim que “o pé tem chulé”, “porque o pé da sujo”, sabe umas coisas assim? E daí tinha a música do pé, que o menino entrou com o pé sujo na casa e tal, e o “chulé” vai trabalhar algumas família silábicas ali né? Daí eles ficam ansiosos “Mas tia, qual é a música? Não tô entendendo” daí eu falo assim “Calma, vocês vão descobrir”, daí a Giovana falava assim “Tia, será que vai ser a música do chulé? Será que vai ser uma família silábica diferente?”. Porque eles sabem que com a música vai ser ensinada alguma coisa nova, não vai ser de uma família silábica que já passou, é uma coisa nova, então eles ficam

tentando adivinhar. E eles esperam Dani, quando não tem uma música, alguma coisa assim, eles falam “A gente tem que inventar uma música, vamos ter que fazer alguma coisa!”. Porque eu acho que isso só acrescenta pra eles né? Na apostila, tem a letra da música, então no começo eu leio a música pra eles, aí eu peço pra eles acompanharem a minha leitura com o dedinho, pra eles olharem bem o som e se familiarizarem bem ali com a palavra, porque tem palavras novas. Aí na hora de colocar a música eu coloco umas quatro, cinco vezes no dia assim, vou colocando devagar, e eu falo pra eles tentarem cantar a música lendo o que está escrito lá. Alguns conseguem ler tudo, outros conseguem ler algumas palavras, e com o som, eles vão vendo o som daquela palavra e já vão olhando ali e já vão tentando descobrir que palavra que é aquela, como que lê, e eles gostam bastante.

Eles tem assim, eu acho bonitinho, porque as músicas tem vários ritmos, tem música mais lenta... tem uma música lá que é do fantasma e do pirata que é uma música que dava medo e tal e daí eles “nossa tia, essa música aí do navio do pirata dá medo!”, tem música mais calma e daí eles “nossa tia essa música é bem calma, dá pra acompanhar certinho”. Quando eu leio um texto com eles eu falo “O quê que fala essa música? O que vocês entenderam? Vamos escutar?”,..“nossa tia, como é diferente, como é gostoso, como eu gosto”. Então eu vejo que eles gostam e eles esperam, e é legal, eu gosto.” – Taís

“Eles adoram né? Aliás tem conteúdo que eles mal assimilam, você põe música e na hora eles aprendem. Tabuada com música eu gosto de trabalhar, eles aprendem bem fácil. Eles gostam muito.” – Cacilda

“Eles adoram. Eles gostam bastante, a gente sente que há uma interação das crianças, com a música para, por exemplo, conteúdo. Quando você trabalha alguma música no conteúdo as crianças gravam mais fácil aquilo que você tá querendo passar.” – Daniela

“Adoram, as crianças adoram, e dá pra perceber a diferença das crianças de uma turma que foi trabalhada e alfabetizada através da música e outra que não. Os resultados mais pra frente (4º e 5º ano) são visíveis.” – Thelma

Pergunta 5: Você percebe alguma mudança nos alunos a partir do uso que você faz de músicas nas suas aulas?

“Claro é nítido isso a classe se envolve muito, eles gostam muito de participar e é gratificante porque eu sinto que há uma coisa legal, uma coisa bacana entre eles mesmos entre os amigos de classe.” – Cíntia

“Sim. É o que falei, eles ficam muito mais atentos “então vamos ver o que que ele tá falando”, porque a oralidade tá ligada na música né? Então “o que que ela cantou, o que ela acabou de cantar?”, “Tem na letra da poesia?”, “Ah, agora nós vamos dançar, a hora que parar a música...”, então eles ficam prestando atenção, então depende muito da estratégia do professor, não é só botar o CD lá e deixar tocando.” – Gisele

“Eles ficam mais calmos.” – Karen

“Percebo, no dia que eu dou, até no dia seguinte eles ficam cantando a música o dia inteiro, bastante. Eles pedem pra colocar de novo o CD. Às vezes eu já trabalhei aquela música e eles pedem pra colocar de novo pra ouvir. Eles gostam sim.” – Aracelli

“Sim, percebo. Assim, é mais fácil o entendimento deles conforme o que está sendo pedido com o auxílio da música, eles desenvolvem bem melhor.” – Silvia

“Alguns que eram no começo bem tímidos, não gostavam de falar muito, que nem a Heloísa. A Heloísa é uma menina super tímida, ela é assim muito certinha sabe? Não pode sair nada errado. Se ela errar na hora de cantar, meu Deus, pra ela é o fim do mundo. Então no começo, a música pra ela era um desafio porque eu falava que todo mundo tinha que tentar cantar e pra ela era importante “eu tenho que cantar, mas eu não sei se vou conseguir”. Então aos pouquinhos eles foram assim “eu vou tentar além do que eu posso”, pelo menos com alguns da sala. E eu vi assim, eu tinha uns quatro, cinco bem tímidos, que não gostavam disso, não gostavam de contar história, não gostavam de cantar, não gostavam desse momento assim de fazer movimentos com a música. Até quando eu rezava em sala de aula, tem dia que eu rezo o Pai Nosso e a Ave-Maria, mas tem dia que em vez de rezar eu canto as músicas que a gente cantava na oração sabe? Santo Anjo, as músicas de Deus e tem aqueles movimentos, aqueles gestos que tem que fazer e eles nossa, queriam morrer. Hoje em dia não, porque foi uma coisa tão assim cotidiana, uma coisa sempre da nossa rotina que

eles foram se soltando aos poucos. Hoje em dia a Heloísa dança em sala de aula, o Guilherme que era super tímido, hoje em dia ele faz aquele movimento que ele não fazia.

Tinham muitas crianças que trocavam algumas letrinhas, que falavam algumas palavrinhas erradas e com todas as músicas que a gente vê em sala de aula vai servir pra enriquecer o vocabulário deles. A mesma coisa quando eu vou contando histórias, enriquece o vocabulário. E eu acho que a música ajudou bastante nisso, que hoje em dia eles falam alguma coisa comigo, quando eles querem escrever uma frase, alguma coisa de uma figura que eu peço pra eles escreverem alguma coisa eles colocam palavras ali que eu nunca falei, que de repente eles escutaram em música. Então eu acho que a música ajuda em tudo, desde a parte do aprendizado, na parte da desenvoltura, a timidez deles, eu acho que ajuda um pouquinho em cada um.” – Taís

“Com certeza. Toda vez que é possível é muito válido.” – Cacilda

“Sim, a música acalma, as crianças ficam mais felizes, mais tranquilas... a gente consegue criar um vínculo com as crianças através da música.” – Daniela

“Sim, mudança de comportamento, conforme a música que eu uso eles ficam mais tranquilos ou mais agitados. Mudança na aprendizagem, também facilita a assimilação daquilo que eu quero que eles aprendam.” - Thelma

Pergunta 6: Em sua opinião, as aulas de música oferecidas pela professora especialista em Educação Musical contribuem de alguma forma para o ensino da sua disciplina e/ou das demais disciplinas?

“Sim, isso é fundamental porque nós podemos complementar com ritmos e sempre que é dada essa aula de música sempre há o aproveitamento do ritmo que é dado na aula dela.” - Cíntia

“Muito mais, eles estão muito mais atentos, porque além de trabalhar oralidade, música, cantigas, ela tem a flauta então eles acionam vários mecanismos, eles têm que prestar atenção nela, a coordenação motora fina pra tampar o buraquinho da flauta, assoprar na velocidade correta senão ela apita, então existe um monte de funções ali da criança,

então ela fica mais atenta, automaticamente fica atenta na minha aula, na minha explicação, fica atenta na professora.” – Gisele

“Não sinto isso em sala, eu sinto isso como mãe, as minhas filhas cantando as músicas em casa o que elas aprendem na escola, mas eles tocam flauta na verdade, na aula de música, então não chega a interferir nem ajuda. **(e a flauta contribui?)** Eu acho que respiração, na hora de falar, o controle da respiração, tudo é válido, mas não sinto que interfira diretamente nas minhas aulas.” - Karen

“Sim, contribuem sim. É o que eu falei, aqui no primeiro ano temos aula de música, e a percepção melhora, a coordenação melhora, o comportamento melhora, eles sentam corretamente na mesa.

A tarde né, no terceiro ano já é um pouquinho diferente, eles já tem um outro tipo de gosto, um outro tipo de musicalização e daí a professora trabalha, passa tudo que pode pra eles. Mas já é um pouco mais diferente.” – Aracelli

“Sim, contribuem muito.” – Silvia

“Ah, contribuem. A Lu dá uma aula de música variada, com um pouco de tudo né? Na realidade a Lu não segue o que eu faço em sala de aula, porque é difícil também ela de repente o meu conteúdo e colocar tudo na aula de música dela. Mas o que ela faz na aula de música como trabalhar a concentração, trabalhar todas essas coisas importantes que tem na música sabe? A respiração, a concentração, o falar corretamente pra você poder cantar e de repente usar os instrumentos... isso me ajuda muito em sala de aula. Eu acho assim que tem coisas que de repente a Lu faz com eles que eu vou fazer em sala de aula, por exemplo, esse negócio que eu coloco a minha música que tem o momento da pausa, tem um momento que tem um som grave, um som agudo... eles percebem muito isso, eles falam “Tia, é aquele som que nós fizemos na aula da tia Lu!”, “Tia é o som tal”. Porque na aula da Lu eles estão fazendo muito aula de flauta, então na aula da flauta tem que ter uma concentração gigantesca porque não é fácil flauta. Eu não consigo tocar flauta, eu já tentei e não consigo, eu não tenho paciência para aquele instrumento. E eles precisam de uma certa concentração um certo cuidado, respeito com o outro também, porque se eu não ficar quieto o outro não faz e tudo isso influencia na minha sala. Eu gosto da música Dani, na realidade eu gosto em todas as

partes, eu acho que desde um bebezinho a música é muito importante porque acalma muito. E na Educação Infantil e no Ensino Fundamental também.

Se eu colocar pra eles uma música completamente agitada... Meu Deus do Céu! Eles vão ficar a tarde inteira agitados. Se eu colocar uma música mais calma, mais baixa eles vão continuar desse jeito.

Eu lembro que no começo do ano eu levava pra eles uma música que eu tinha salvo no pen-drive lá que era a música do “Homenzinho Torto” da Aline Barros, porque era começo de ano e eu queria conhecer mais eles, tanto é que essas quatro, cinco crianças, no dia dessas músicas eles dançavam, mas não tão soltos como eles estão agora. Então eu dançava no começo com eles e falava pra eles que eles tinham que dançar como fala na música que “tinha um homenzinho torto”, que encontrou a bíblia, Jesus e tal... é uma música muito bonita, e eles pedem até hoje essa música pra mim. Só que hoje eu dia eu não estou tendo tempo de colocar outras músicas fora as da apostila,.

Então eu acho que as músicas tanto da Lu quanto as outras músicas me ajudam em sala de aula em vários aspectos, tipo no comportamento, na disciplina, na parte pedagógica me ajuda.” - Taís

“Eu tenho pouco essa experiência. Aqui no colégio a gente tem a aula mas é mais flauta. Só que a tarde não tem professor específico, então sou eu mesma que trabalho, e a professora de Educação Física às vezes trabalha, mas é raramente. Então sou eu mesma que ministro, aí eu já englobo no conteúdo, eu pego uma música como tema gerador para eu trabalhar o conteúdo que eu tô propondo pra semana, projetos.” - Cacilda

“Eu acho assim, que o trabalho que é feito é muito bom dentro da disciplina de música, mas eu não vejo como isso se integra com as outras disciplinas. A interdisciplinaridade, eu não vejo isso acontecer.” – Daniela

“Eu acho que assim, de forma indireta eu creio que sim. Que assim, as músicas que ela trabalha não vão trabalhar diretamente com os conteúdos que nós aplicamos aqui, mas vai trabalhar com outras habilidades das crianças, a questão da concentração, a questão da disciplina, vai trabalhar com outras habilidades.” - Thelma

Pergunta 7: Você costuma observar questões ligadas ao gosto musical de seus alunos? Percebe suas principais preferências, isto é, o que as crianças andam gostando de ouvir?

“Eu notei, é até engraçado, a gente sai da aula de música e eles já pegam um certo ritmo de bateria. Eu percebo que há alguns alunos que já tem aquela coordenação motora e o ritmo andando junto.” – Cíntia

“Então, tá bem complicado esse gosto, porque assim, os pais tem um gosto complicado, que tem aí solto hoje em dia o funk, mais ligado à erotização, eles cantam muito essa música. Daí a gente direciona, aqui na escola a gente canta outro tipo, mostra, oferece outro tipo de música. A pouco tempo a professora de Arte colocou musica clássica, e eu percebi eles muito mais sensíveis também. Mas precisava ser uma parceria, família/escola. Então a gente apresenta uma boa musica só que em casa muitas vezes não tem, porque eles trazem muitas vezes um repertório pobre de música.” – Gisele

“As meninas no momento novela, Chiquititas adoram e então cantam as músicas, o filme Frozen, a gente fez um passeio que eu fui cantando até Araçoiaba e eu fui e voltei, e ainda baixei no meu celular as músicas, a gente veio cantando “Let it go, let it go” e os meninos mais coisas dos filmes né? Eles não tem um gosto assim “Ai, eu gosto dessa música e tal” como as meninas que acho que por serem meninas, mais delicadas, gostam de dançar e cantar então acho que elas acabam usando mais.” – Karen

“Posso falar né? Do Funk.. **(pode sim, pode falar)**

A turma pequenininha do primeiro ano eles gostam ainda das músicas infantis, ou vem coisas na televisão, música de desenhinho, ainda eles são bem infantis.

A turma da tarde, que já são de oito, nove anos, eles já tem um outro comportamento, eles já gostam mais de Funk, eles já querem dançar diferente, eles já brigam por causa disso. Um discute com o outro porque o MC é melhor que o outro MC, então já é um outro tipo de comportamento.” – Aracelli

“Hoje em dia eles gostam de tudo os meninos gostam das musicas mais agitadas e as meninas as músicas mais melosas.” – Silvia

“Eu costumo observar. Por exemplo, eu tenho uma boa parte da sala que gosta de música de criança mesmo, música infantil, eu tenho outra parte da sala que... eles tão no primeiro ano né? Então eles ficam muito com os pais... por incrível que pareça eles falam que gostam de música sertaneja e eles querem cantar e eu falo “aqui na sala vocês não vão cantar, aqui a gente vai cantar as músicas que a tia Taís e a tia Rosana ensina.”, porque daqui a pouco eles tão cantando a música das poderosas e não sei que e eu não posso deixar como educadora, tem umas coisas que não são adequadas pra eles cantarem em sala de aula, por mais que o mundo esteja do jeito que está, dentro da sala de aula eu não posso deixar isso né?

Mas eles gostam... tem criança ainda que gosta assim de música da Xuxa, Galinha Pintadinha... músicas assim mais infantil, tem outras que não.

Tem aluno, que nem a Helô. Ela gosta de música, mas ela gosta muito mais do som, do instrumental, do som do teclado, de um pandeiro tocando, uma flauta, do que a música com voz.

Tem outras que não tão nem aí. A Rebeca, por exemplo, tanto faz, ela não se importa assim “eu gosto mais dessa ou mais da outra”. Na aula de música da Lu ela mostra todos os tipos de música, sabe? Ela mostra umas músicas diferentes, umas músicas muito legais que ela passa e eles gostam muito, eles apreciam muito esse tipo de música diferente que a Lu traz.

Eu acho assim que eles tão aprendendo a gostar de algumas coisas diferentes. A pesar que alguns já vem de casa falando “eu gosto disso”.

Que nem a Rebeca um dia chegou cantando uma música de RAP que eu nunca ouvi na vida e eu falei “pode parar com essa música porque ela não está sendo legal”, falando umas coisas assim que mexe o bumbum pra lá, mexe o bumbum pra cá...

Eu consigo perceber de cada um o que cada um gosta. Mas eu tenho uma boa parte ainda que gosta de música bem infantil sabe? Patati Patata, eles gostam... as vezes eles não falam que gostam porque o outro vai tirar sarro, mas eles ainda gostam dessas músicas infantis, dessas músicas que cantam na Educação Infantil.” – Taís

“Eles são influenciados pela família, então tudo aquilo que a família ouve muito eles reproduzem, muitas vezes sem saber inclusive o que que aquilo quer dizer, a letra da música. Muitas vezes eles tão cantando algo assim que nem deveriam, mas pra eles não é por mal, é porque eles não tem essa cultura musical. E quando você apresenta uma música com uma letra bem trabalhada, um repertório, uma melodia, às vezes eles ficam

assim “Ai que coisa chata”, aí depois que você trabalhar eles vão vendo sentido. Então a criança é muito maleável nesse sentido. Só que elas têm uma referência que infelizmente hoje em dia não é muito boa. Então eles dançam lá os *funk* ... judiação, mas é até bonitinho.. se você vê os passos, se você vê tudo o que eles fazem, a coreografia, não deixa de ser válido nesse sentido, mas eles são influenciados pela família, com certeza.” - Cacilda

“Sim, porque assim, nos momentos onde as crianças estão interagindo, que não tem intervenção do professor, às vezes eles cantam alguma música, alguma música se manifesta em sala de aula, então dá pra gente saber o que as crianças gostam e o que não gostam. Hoje em dia a gente vê muito a questão do *funk*, do *funk* mais pesado até aquele *funk* mais moderado eles gostam, e do sertanejo também.” - Daniela

“Sim, e depende da clientela. Por exemplo aqui, a clientela do Santa Escolástica eles ouvem uma variedade, uma qualidade, vamos dizer assim, melhor de música. Eu percebo que a clientela lá do municipal adora o *funk*. Então assim, as músicas mais populares eu percebo lá no municipal. E aqui eles tem uma qualidade mais eclética, música infantil. Aqui várias crianças, não é uma, são várias, não gostam de *funk*. Então assim, pelo convívio com a família mesmo.” – Thelma

Pergunta 8: Você acredita que a música ainda é ignorada em alguns contextos escolares como componente importante da formação cultural das crianças?

“Eu acredito que não. Eu quero acreditar que não. Porque a música ela abrange todos os aspectos emocional, pedagógico, é uma disciplina importantíssima em todas as áreas. Eu prefiro que todo mundo acolha a música.” – Cíntia

“Sim, ela às vezes é ignorada sim, e aí vem aquela fala né: “não tem tempo de trabalhar na sala de aula, não dá tempo, tenho que dar conteúdo e tal” sendo que ela pode ser ligada junto com o conteúdo. Quando é oferecido pelo especialista, é muito diferente. Ele tem entonação de voz diferente, tem ritmo, tem material específico pra trabalhar, o professor da sala fica meio engessado pra trabalhar a musica e aí começam a taxar “Ai não tenho tempo de dar musiquinha pra criança”, e não é isso, tem todo um preparo, tem que preparar a voz pra cantar, preparar o instrumento, a criança tem que saber a hora de

balançar o instrumento, não é pra ficar chacoalhando, então tem que ser o especialista mesmo para aplicar, a não ser que o professor tenha uma formação né? O currículo da Pedagogia ou de outras áreas didáticas teriam que ser reformulados. O professor deveria sim saber utilizar sua voz, automaticamente ia saber trabalhar a música né? Mas que é muito importante e positivo, eu senti diferença porque eu tava com uma classe muito difícil e agora a professora de música consegue trabalhar e automaticamente eu também consigo, porque eles prestam mais atenção no ouvido e fica mais sensível quando você insere música. **(Mudou a sala né?)** Totalmente mudou.” - Gisele

“Não, não acho que isso aconteça, eu acho que ela tá, pelo menos em todas as escolas que trabalhei sempre teve aula de música e eles preservam até mais do que aula de arte, porque eu fiquei sabendo também, eu não sabia que por lei, eles tem que ter uma aula que seja obrigatória em relação às artes mesmo, eu vejo que até aqui mesmo no colégio no ano que vem meus alunos não terão aula de arte mas permanecerá a aula de música e então entre a arte e a música a gente ainda valoriza mais, não desvalorizando o outro mas a gente preserva a aula de música. **(E nas escolas que você trabalhou, foi só em particular ou foi em pública também?)** Só particular.” – Karen

“Acredito que ainda é ignorada. Tem pessoas que não podem com nenhum barulho, tem que ficar silêncio totalmente, outras já se adaptam e já gostam de trabalhar com a música. Em um outro colégio que eu trabalhei a gente fazia todas as aulas de matemática, a gente colocava Beethoven, Bach, pra eles ouvirem enquanto faziam matemática, e realmente dava certo, eles ficavam quietinhos, eles se concentravam e os erros eram bem menos, né? Eram bem menos. **(interessante isso)** É, mas tem alguns lugares ainda que num querem, não gostam, muito barulho, atrapalha e daí não dão tanta importância pra música. Eu gosto de música (risos).” - Aracelli

“Infelizmente em alguns lugares ainda é ignorado, mas faz parte da nossa vida e é muito importante a música, pra tudo, desde a barriguinha, desde quando você é bebê, você vai ouvindo a musiquinha. Infelizmente ainda é ignorando, mas tem que ser trabalhado essa parte.” - Silvia

“Sim, eu acredito nisso. Eu acho que alguns lugares, algumas escolas... tem lugares que eu já presenciei aulas de música que não dão tanto valor, que nem por exemplo eu falei

pra você dessa professora que eu tive aula, a Taís... a Taís dava aulas para crianças de dois anos, três anos, com música chinesa, umas músicas diferentes... na época que teve a Copa do Mundo, ensinou algumas músicas diferentes relacionadas a Copa do Mundo... Ela fazia com que músicas de culturas diferentes fossem usadas na sala de aula. Eu acho legal, até músicas em inglês ela trazia... curtas, elas mostrava ao significado e passava pra eles. Eu acho que é importante sabe? Não ficar sempre naquela mesma coisa. Ela falava música sobre Pedro Álvares Cabral, ensinava coisas que as crianças aprendiam através de uma música, era um trabalho conjunto comigo.

Mas eu acho que alguns lugares deletam isso, deixam de lado.. “Música? Pra que música? Não precisa” Sendo que eu acho assim que a música é muito importante.

Nós fizemos um trabalho uma vez lá na outra escola que a gente pegou cada pedacinho, cada parte do Brasil, um tipo de música, um tipo de música de criança, com crianças cantando. E eles ficaram Dani olhando assim e falavam “Eles cantam isso?”, “Eles tão entendendo?” ... eram músicas diferentes, falando muito rápido, usando palavras diferentes que eles não estavam acostumados. Foi muito legal que a gente conseguiu trabalhar várias coisas, como as outras culturas, costumes e muito mais.

Então eu acho realmente que algumas pessoas ignoram esse valor cultural que a música tem. Não poderia estar acontecendo isso, mas acontece.” – Taís

“Ah com certeza né? Eu acho que tem educador que não acredita nisso, quanto mais a instituição. Porque na verdade a instituição em si conta pouco, o que conta mais é o educador que tá na sala de aula, então se ele diversifica, se ele acredita... Eu acho importante, mas tem uns que ainda não utilizam” - Cacilda

“Acredito que sim, muitas pessoas ainda não abriram a visão de que ela nos ajuda muito, que seria uma ferramenta muito útil dentro de sala de aula, tanto nos conteúdos das matérias quanto para estar mais próximo das crianças, criar mais momentos assim de lazer para eles com a música.” - Daniela

“Eu gostaria que isso não acontecesse, mas eu acredito que em algumas escolas isso ainda possa acontecer. Porque assim, o Brasil é tão variado né? Às vezes a gente vai num lugar de 8 e num outro a 80, então pode ter assim uma região do Brasil que infelizmente tenha pensamentos mais retrógrados.” - Thelma